

Free Books



Emilia Pardo Bazán

**A RESSUSCITADA
E OUTROS CONTOS SOMBRIOS**



EMÍLIA PARDO BAZÁN

**A RESSUSCITADA
E OUTROS CONTOS SOMBRIOS**

Tradução, organização, apresentação e notas
Paulo Soriano

Biografia da autora
José Paz Rodrigues

2ª. Edição

Free Books

2023

SUMÁRIO

A COLETÂNEA 4

A AUTORA 7

A RESSUSCITADA E OUTROS CONTOS

SOMBRIOS 20

A RESSUSCITADA 21

VAMPIRO 27

A TROCA 35

DIRIMENTE 43

O ESPECTRO 49

IDÍLIO 55

O CORAÇÃO PERDIDO 63

O FANTASMA 67

O CONJURO 73

A ENCLAUSURADA 77

AR 82

MEU SUICÍDIO 89

OS COLABORADORES 95

CRÉDITOS 97

A COLETÂNEA

A presente coletânea nasceu da necessidade de divulgar, no Brasil, a escritora galega de expressão castelhana Emília Pardo Bazán. Embora pouco conhecida entre nós, a escritora corunhesa é uma glória da literatura não apenas de sua pátria, senão do mundo inteiro. Conquanto introdutora do naturalismo na Espanha, Emília Pardo Bazán deixou numerosas narrativas de índole fantástica — estas tão apreciadas em sua mágica Galiza natal —, algumas das quais reunidas no presente volume.

Como esclarece o escritor **Sebastián Beringheli**, os mais importantes contos de Emília Pardo Bazán tomam elementos típicos do folclore, aos quais ajuntam-se gêneros e estilos como o romantismo e a literatura gótica, obtendo-se, desta maneira, um amplo catálogo de contos que oscilam entre o simbolismo, o realismo e o naturalismo.

Em *A Ressuscitada*, conto magistral que dá nome à presente coletânea, a senhora Doroteia de Guevara morre e é sepultada. Desperta, todavia, numa câmara ardente, mergulhada nas entranhas de uma igreja secular, antro fúnebre de sua respeitável e avoenga família. Procura, então, arredar-se pressurosamente do ataúde e correr ao abraço caloroso de marido e filhos que, traspassados pela tristeza, deveriam regozijar-se de seu miraculoso retorno d'além-túmulo. Caloroso abraço? É com

graciosa ironia que a autora aborda o tema do sepultamento prematuro, notabilizado por **Edgar Allan Poe**. A narrativa de Emília Pardo Bazán radica-se, todavia, numa antiga lenda alemã — a da ressurrecta de Colônia — tornada conhecida do público europeu por **Alfred von Reumont** em meados do século XIX.

Outros onze contos, fantásticos ou sombrios, mas sempre impactantes, se sucedem. Aqui, um ricoço velho e decrépito, adepto do ocultismo, casa-se com uma garota de 15 anos movido por funestas intenções (*O Vampiro*); ali, um oleiro faminto engendra uma vingança contra insensíveis senhorios, garantindo, com cruel astúcia, o futuro de sua prole oprimida (*A Troca*); acolá, insolitamente, um coração tombado na calçada encontra abrigo no peito de uma ingênua criatura (*O Coração Perdido*); mais além, em plena Revolução Francesa, um jovem idealista, vindo do interior, é acolhido calorosamente pela família de um ilustre artesão revolucionário... Mas o horror pungente não custa a chegar (*Idílio*).

O terror sobrenatural (*O Conjurado*), a loucura (*Ar, O Fantasma, O Espectro*), a zona cinzenta entre um e outra (*Dirimente*), o horror (*A Enclausurada*), a narrativa cruel (*Meu Suicídio*)... toda esta variedade de temas e estilos convida o público afeito à escrita fantástica a uma leitura emocionante e aprazível, brotada da pena de uma das mais fecundas mentes criativas de seu tempo, e cuja estatura ombréia-se com a de brilhantes escritores de sua época,

a exemplo de **Villiers de L'Isle-Adam, Rubén Darío, Guy de Maupassant, Oscar Wilde, Robert Louis Stevenson, Horacio Quiroga, Marcel Schwob e Leopoldo Lugones.**

E não nos esqueçamos: 2021 é o ano do centenário da lacuna deixada pela grande ficcionista galega. Fica, pois, este pequeno e agarimoso tributo.

Salvador, 27 de agosto de 2020.
Paulo Soriano.

A AUTORA

José Paz Rodrigues

Nascida na Corunha em 1851 e falecida em Madrid, **Emília Pardo Bazán** foi escritora fundamentalmente em língua castelhana, intelectual, jornalista, crítica literária, narradora e mesmo regionalista galega, que conseguiu triunfar na literatura castelhana como importante escritora, e mesmo como figura pública. Influenciada pelo movimento literário do “naturalismo”, foi ela que o introduz no país.

A sua obra é amplíssima, pois chegou a escrever quase que quinhentas obras, em forma de romances, contos (de que há numerosas escolmas), teatro, depoimentos, artigos sobre infinidade de temas, folhetos, monografias etc. Junto com a também galega **Conceição Arenal**, Emília Pardo Bazán é considerada uma das precursoras do movimento feminista na Galiza. E através da sua ampla obra criticou a degradação e marginalidade da mulher e expressou o seu desejo de criar para as mulheres uma educação e uma formação intelectual similar à dos homens. Em muitas das suas obras, especialmente os romances, retratou a vida nas vilas e aldeias galegas, o folclore popular e a situação da sociedade e da nobreza galegas, especialmente a dos paços

rurais, demonstrando sempre uma preocupação com a situação social da Galiza.

Num tempo em que as mulheres eram não letradas em mais de noventa por cento, ela chegou a ser a primeira mulher a presidir à seção de Literatura do **Ateneu de Madrid**, a primeira a ser nomeada Conselheira de Instrução Pública e a primeira mulher catedrática de Literatura Contemporânea de Línguas Neolatinas da **Universidade Central de Madrid**, embora com muito pouca assistência de alunos às suas aulas.

PEQUENA BIOGRAFIA

Emília Pardo Bazán, que em 1908 foi reconhecida como Condessa pelo rei, nasceu a 16 de setembro de 1851 na Corunha, a cidade que sempre apareceu citada nos seus romances com o nome de “Marineda”. Foi a única filha do advogado **José Pardo Bazán e Mosquera Rivera**, e de **Amália Rua-Figueroa e Somoza**, que se casaram em 30 de setembro de 1850. As origens da sua família remontam-se aos séculos XIV e XV, entroncando com o famoso mariscal e conde **Pardo de Cela**, dono da casa de Moeche, de que seus descendentes chegam a séculos posteriores até **João Pardo de Lema** (1748-1797), casado com **Luisa Bazán de Mendoza** (1759-1820), de cuja união nasce o avô de Emília, **Miguel Pardo Bazán** (1784-1839), colegial de Fonseca e tenente-coronel do célebre **Batalhão Literário de Compostela**,

que herda por morte de seu tio paterno **António Pardo Patinho**, em 1813, os bens e rendas de várias casas fidalgas espalhadas por diversas paróquias e concelhos das províncias de Corunha e Ponte Vedra. O avô da escritora, Miguel, casou-se com **Joaquina Mosquera e Rivera** em 13 de setembro de 1813, na Corunha. Do casal nasceu **José Pardo** (1827-1890) pai de Emília, advogado, político liberal moderado e conde de Pardo Bazán, por título pontifício concedido pelo Papa Pio IX em 1871, autorizado pelo rei do momento Amadeu de Saboia, dado o seu apoio parlamentar para que o catolicismo fosse reconhecido como religião do estado, na assembleia constituinte, depois da revolução de 1868.

Ao pouco de nascer Emília, a família comprou e arranjou a casa da rua das Tabernas, que hoje é o prédio onde fica a **Real Academia Galega**. Porém, a família tinha também a Quinta de Meirás em Sada e a Torre de Miraflores em São Genjo, para passar as férias. Pertencer a uma família tão abastada facilitou muito os avanços na sua educação e instrução, e mais tarde o poder realizar muitas viagens e estudos de tipo académico. Desde os 8 anos foi uma leitora avidíssima, e aos nove anos já compôs seus primeiros versos, e aos quinze o seu primeiro conto, sob o título de *Um matrimónio do século XIX*, publicado em 1866. Ajudou-a muito a excelente biblioteca do pai, em que passava muitas horas a ler. Entre as obras de que mais gostava estavam o *Quixote*, *A Ilíada* e a *Bíblia*, e, também, *As Vidas Paralelas*

de **Plutarco** e *A conquista de México* de **António de Solís**. Gostava também muito dos livros sobre a revolução francesa. Normalmente nos invernos residia em Madrid pelo trabalho político do pai, e na capital assistia a um colégio francês protegido pela Casa real, onde conheceu a obra literária de **Racine** e de **La Fontaine**. Com 12 anos, a família decidiu que era melhor ficar na Corunha, e então foram contratados tutores para a sua educação. Desde pequena, com o seu forte carácter e espírito de independência, pouco habitual numa mulher, não quis receber lições de piano nem aulas de música, habitual naquela altura em famílias “nobres”. O que a ela interessava era a leitura.

Em 10 de julho 1868, na quinta de Meirás, com dezasseis anos de idade, a ponto de fazer os dezasseis, casa com **José Quiroga Pérez de Deza**, que tinha vinte e era estudante de Direito de origem fidalga da comarca do Carvalhinho. A sua família era a proprietária do famoso Paço de Banga, da paróquia homónima próxima à vila do Arenteiro, que ainda se conserva hoje. Como era filha única, ademais das propriedades do esposo, também importantes, Emília chegou a herdar os prédios urbanos e infinidade de paços e propriedades rurais de tipo fidalgo.

Com o seu esposo morou em Compostela e pouco depois deslocaram-se para Madrid, com a família, ao ser o pai nomeado deputado. Na capital Emília entra nos círculos culturais e literários do

momento. Desiludido seu pai da política, decidem viajar ao estrangeiro. A sua viagem pela Europa desperta em Emília um grande interesse pelos idiomas, embora tenha já bons conhecimentos de francês e latim. Decide pois aprender alemão e inglês, para poder ler os grandes autores nas suas línguas originais. Em Paris conheceu **Vítor Hugo**, o mestre do romance do século XIX. Nesta altura publicou uma antologia de textos sobre darwinismo, que a ajudou a vincular-se ao naturalismo. Ao regressar estabelece contactos com os krausistas, por meio de **Francisco Giner de los Ríos**, com quem tinha uma grande amizade. A influência krausista a leva a ler **Kant, Descartes, Tomé de Aquino, Aristóteles e Platão**.

Em 1876 dá-se a conhecer como escritora, precisamente em Ourense, depois de conseguir um prémio num certame literário da Cidade das Burgas, organizado com motivo da celebração do centenário do **Padre Feijó**. Desde este ano vão nascendo os seus filhos: Jaime, Maria das Neves e Maria do Carmo. Em 1880 cria e dirige a *Revista de Galicia*, e se inicia no jornalismo, com preocupações pelos temas galegos. Paralelamente começa a escrever com grande paixão, seguindo o naturalismo do francês **Émile Zola**, que muito admirava, e criticando duramente a moral sexual da época e a sua hipocrisia. As obras escritas nesta altura, e especialmente a intitulada *A questão palpitante* (1883), provocam os enfrentamentos com o esposo, que levam

à separação no ano seguinte. Decide, então, partir primeiro para Madrid, continuando a escrever com grande paixão. E mais tarde para Paris, onde também continua a dedicar-se ao que sempre gostou: a criação literária. Aqui redigiu as suas duas obras mais famosas: *Os paços de Ulhoa* e *A mãe natureza*, anos 1886 e 1887.

Em 1890, volta ao seu interesse jornalístico e cria a revista *Novo Teatro Crítico*, que editou durante três anos, e com ela rendeu homenagem ao Padre Feijó, que sempre admirou. Sendo uma grande escritora reconhecida dentro e fora das nossas fronteiras, sem deixar de reconhecer a sua valia, também gerou muitas invejas de romancistas e críticos do momento. Teve grande amizade com **Pérez Galdós**, e finalmente colaborou com interessantes depoimentos em numerosas publicações periódicas, com crónicas de viagens, artigos, ensaios, contos, críticas e comentários. Em 1900 colabora no *El Imparcial*, informando sobre a Exposição Universal de Paris. Interessou-se também muito pelo teatro, chegando a escrever várias obras dramáticas. Foi sócia numerária **da Sociedade Matritense de Amigos do País** desde 1912. Em 12 de maio de 1921, aos 70 anos de idade, faleceu por causa de uma gripe, complicada pela diabetes de que sofria, na cidade de Madrid, sendo sepultada numa cripta da igreja da Conceição da capital.

GALIZA NA SUA OBRA E LABOR

Embora tenha tratado nos seus escritos numerosos e variados temas galegos, utilizou muito pouco a língua galega para expressá-los e comentá-los. Mais de noventa por cento da sua obra está escrita originalmente em castelhano, e, também, infelizmente foram muito poucos os seus livros traduzidos para a nossa língua internacional. Considerava acertadamente a língua galega como língua romance descendente do latim. No seu livro *Da minha terra* (*De mi tierra*) escreve: “O galego é um romance...Filologicamente nenhum romance pode proceder de outro romance: todos eles são corrupções fonéticas e renovações dialetais do latim...”. No mesmo livro, ao considerar na sua opinião que, se um idioma não se faz oficial no seu território, deve entender-se que é um dialeto, diz: “Língua nacional é tão só, no senso político, a que consegue prevalecer e impor-se a uma nação; e as demais que nela se falem, dialetos”. Mas, nesta mesma obra sobre a origem comum do galego e do português, comenta: “O português na corte de Espanha passa por galego. E não cabe dúvida, a origem de ambos os romances é a mesma; talvez fossem, ao princípio, uma só língua”.

No entanto, ao contrário que os seus coetâneos e amigos **Curros** e **Pondal**, ela utilizou o castelhano porque considerava que era a língua oficial que tinha prestígio e muito maior público leitor. Considerava o galego como uma língua popular, ligada à terra e ao lar. Por isso, no mesmo livro citado,

escreve: “Com um acento grato e muito fresco, que sem pensar nos sobe aos lábios quando necessitamos pronunciar uma frase amante, arrolar uma criança, lançar um festivo epigrama, berrar um ai! Com pesar... Sempre sentimos a proximidade do dialeto... com o seu calor do lar”. Por isso, ao falar de **Rosália de Castro**, comentava que os poetas fazem falar aos camponeses e marinhos, escrevendo o seguinte:

“Quando nos engaiola é ao objetivar a sua inspiração, ao impregnar-se do sentimento do povo, ao reproduzi-lo com um sem igual acento, ao aceitar o carácter verdadeiro deste renascer regionalista, onde à força domina o elemento idílico e rústico, por virtude da língua que, desde há tanto tempo, somente vive entre silvanos e ninfas agrárias”.

Ao falar do atraso galaico e da situação social galega, no mesmo livro citado escreve:

“É claro que no atraso da Galiza há um problema histórico relevante que vai deixar uma funda pegada. Depois da amputação de Portugal, fica Galiza como membro destroncado, sem vida própria. Quando Portugal se alça e domina o Oceano... Galiza fica anulada: Enquanto a irmã do além Minho se veste de brocado e de ouro, a de aquém solta entristecida o seu velho alaúde, retira-se à montanha, calça socas de pastora, e somente

ao morrer a tarde e recolher os seus gados entoa alguma copla rústica”.

Estas palavras de Emília são de 1888. E abunda sobre a situação de marginalidade histórica da Galiza:

“As nossas províncias levam padecendo desde tempo imemorial pesar sobre os seus ombreiros a lei comum, sem um só momento de acougo, nem a proteção que requereria a sua pobreza e as calamidades que alguma vez as desolaram... Galiza não foi atendida nem respeitada nas suas justas pretensões como o foram províncias mais reivindicativas, revoltosas e difíceis de contentar”.

Pardo Bazán, porém, assume claramente os postulados do denominado regionalismo galaico. Por isso, em 1880 funda a *Revista de Galiza*, em que colaboram, entre outros, **Alfredo Branhas, Curros, Salvador Golpe, Aureliano J. Pereira, Pérez Ballesteros, J. A. Saco e Ramón Segade Campoamor**. A revista acolhe artigos e depoimentos em ambas as línguas, segundo a escolha do colaborador. E mesmo Emília faz comentários críticos em galego da obra *Saudades galegas* de **Valentim Lamas Carvajal**. De forma surpreendente e muito interessante, esta revista agiria como ponte de achegamento a Portugal, publicando depoimentos dedicados à

literatura portuguesa nos primeiros números, com uma seção a partir do número 12 sob o título de *Revista literária portuguesa*, que coordenava Lino de Macedo.

Uns poucos anos depois funda a sociedade *O Folclore galego (El Folk-Lore Gallego)*, e é a sua primeira presidenta. Os seus objetivos eram recolher, arquivar e interpretar, se fosse possível, as preocupações, superstições, crenças, tradições e contos, que o progresso das sociedades e a mão niveladora da civilização vão extinguindo e apagando por toda a parte. Em 1889 escreveu sobre o tema:

“Acreditam os fundadores do folclore que neste terreno de aluvião onde se foram depositando pausadamente ao remanso de séculos passados e mais as idades esvaecidas, encontram-se os gérmolos da vida histórica das nações, a chave da sua arte, da sua literatura, o fundo mesmo do carácter. Ajudadas pelo movimento regionalista e localista que hoje se manifesta energeticamente na Europa, as sociedades do folclore adquiriram em poucos anos um extraordinário voo, e espalharam-se pelos mais remotos países”.

Por isso dava muita importância aos contos que sabiam os velhos (e especialmente as velhas), pela sua influência na etnografia, a linguística, a mitologia e mesmo a antropologia. Finalmente há que

mencionar o seu apoio à comissão gestora para o nascimento da Real Academia Galega nos seus inícios.

A SUA DEFESA DA MULHER

Foi Emília uma das primeiras mulheres na Galiza a mostrar grandes inquietações pela defesa dos direitos da mulher, ciente de que uma das principais causas da posição inferior das mulheres radicava na ignorância que impunha o sistema patriarcal dominante, que, infelizmente, ainda perdura nos tempos atuais. Publicou vários artigos em que denunciou o sexismo predominante em Espanha e onde sugeriu mudanças a favor da mulher, a começar pela possibilidade de uma educação semelhante à que recebia o homem do seu tempo.

Existem numerosos textos escritos por ela que mostram de maneira diáfana o seu feminismo. Recolhidos dos seus livros *A educação do homem e da mulher* (*La educación del hombre y la mujer*) e *A mulher espanhola* (*La mujer española*), apresentamos os seguintes:

1. *“A educação da mulher não pode chamar-se tal, mas domesticação, pois propõe-se por fim a obediência, a passividade e, aliás, a submissão”.*
2. *“Para mim é evidente que a educação completa e racional, totalmente humana, da mulher, não a*

prejudicará, antes pelo contrário, fomentará a verdadeira virtude. No entanto, admitamos que acontecesse o contrário: mesmo assim, haveria que dar-lha, sob pena de declarar preferível à cultura e à civilização o estado de barbárie primitiva, triste paradoxo dos retrógrados mais ou menos disfarçados, como Rousseau”.

3. *“Este sistema educativo, onde predominam as meias medidas, e onde se evita como um sacrilégio o afundar e o consolidar, dá o resultado inevitável; limita a mulher, estreita-a e mingua-a, fazendo-a mais pequena ainda que o tamanho natural, e mantendo-a numa perpétua infância. Tem um carácter puramente externo; é, citando mais, uma educação de côdea; e se pode infundir pretensões e tentativas de conhecimentos, não chega a estimular devidamente a atividade cerebral”.*
4. *“Infelizmente, em Espanha, a disposição que autoriza a mulher para receber igual ensino que o homem... é letra morta nos costumes... As que permitem à mulher estudar um curso e não exercê-lo são leis iníquas”.*

Tinha claro, naquela altura, que as leis permitiam que a mulher estudasse, porém, não permitiam a esta trabalhar de acordo com a sua formação académica. Em 1892 fundou a publicação ***A Biblioteca da mulher*** (*La Biblioteca de la mujer*). E, quando assistiu ao Congresso Pedagógico, denunciou a

desigualdade educativa que existia entre o homem e a mulher. No seu momento fez a proposta para a Real Academia da Língua de nomear **Conceição Arenal** e, igual que a de **Gertrudis Gómez de Avelaneda**, não foi aceite. Mesmo ela foi rejeitada três vezes em 1889, 1892 e 1912, ainda que chegara a ser em 1906 a primeira mulher a presidir à seção de literatura do Ateneu de Madrid, e a primeira mulher em ocupar a cátedra de literaturas neolatinas da Universidade Central.

A sua obra literária é imensa, chegando a escrever mais de quinhentas obras, empregando toda a variedade que existe de géneros literários. De 1879 a 1911 chegou a escrever e publicar mais de vinte romances. De 1883 a 1925 mais de 25 livros de romances breves e de contos, género este em que foi uma grande escritora, chegando a redigir mais de dez livros antológicos. Dez das suas obras estiveram dedicados ao ensaio e à crítica literária, 6 foram livros de viagens, um de poesia e 5 obras dramáticas.

**A RESSUSCITADA E OUTROS
CONTOS SOMBRIOS**

A RESSUSCITADA

Ardiam os quatro círios, derramando bagas de cera. Um morcego, desgarrando-se da abóbada, lançava-se ao ar, descrevendo curvas desengonçadas. Uma forma negra, fugidia, deslizou ao rés das lousas e subiu, com sombria cautela, por uma prega do lençol mortuário. No mesmo instante, Doroteia de Guevara, que jazia no túmulo, abriu os olhos.

Bem sabia que não estava morta. Mas um véu de chumbo — um cadeado de bronze — a impedia de ver e falar. Ouvia, isto sim, e percebia — como percebe-se entressonhos — o que com ela fizeram ao lavá-la e amortalhá-la. Escutou os gemidos de seu marido e sentiu as lágrimas de seus filhos em sua face branca e rígida. E agora, na solidão da igreja fechada, recobrado o sentido, sobressaltava-se em grande espanto. Não era pesadelo, mas realidade. Ali estava o féretro, ali estavam os círios... e ela mesma envolta no branco sudário, no peito o escapulário de Nossa Senhora da Graça.

Erguido o corpo, a alegria de existir se sobrepôs a tudo. Vivia. Que bom é viver, reviver, não cair no poço escuro. Em vez de ser baixada ao amanhecer, nos ombros de criados, à cripta, voltaria ao seu doce lugar, e ouviria o alarido regozijado dos que a amavam, e que agora a pranteavam sem consolo. A ideia deliciosa da felicidade que traria à casa fez pulsar o seu coração, ainda debilitado pela síncope.

Lançou fora do ataúde as pernas, saltou ao chão e, com a rapidez suprema dos momentos críticos, mudou de planos. Chamar por alguém, pedir auxílio em tais horas seria inútil. E de esperar o amanhecer, na igreja solitária, não era capaz. Imaginava que na penumbra da nave assomavam as caras zombeteiras de fantasmas e soavam os dolentes queixumes de almas penadas... Tinha outro recurso: sair pela capela do Cristo.

Era sua: pertencia à sua família em patronato. Doroteia iluminava perpetuamente, com rica lâmpada de prata, a santa imagem de Nosso Senhor da Penitência. Sob a capela abrigava-se a cripta, lugar de repouso dos Guevara Benavides. Via-se com dificuldade a alta grade à esquerda, filigranada, com partes revestidas de ouro avermelhado, muito antigo. De sua alma, Doroteia elevou uma súplica fervorosa ao Cristo. Senhor! Que encontrasse as chaves no lugar. E as apalpou: ali pendiam as três, o molho. A da própria grade, a da cripta, pela qual se descia por uma escada em caracol dentro do muro, e a terceira chave, que abria a portinhola oculta entre os baixos-relevos do retábulo e dava para a ruela estreita, onde erguia a sua fachada senhorial o casarão de Guevara, flanqueado por torreões. Pela porta disfarçada entravam os Guevara para assistir à missa em sua capela, sem cruzar a nave. Doroteia abriu, empurrou... Estava fora da igreja, estava livre.

Dez passos até a sua casa... O palácio se erguia silencioso, grave como um enigma. Doroteia empunhou a aldraba, trêmula, como se fosse uma mendiga que pede abrigo em uma hora de desamparo. “Esta é mesmo a minha casa?”, pensou, ao golpear pela segunda vez, firmemente... Ao terceiro golpe, ouviu-se um ruído dentro da vivenda muda e solene, envolta em seu recolhimento como se em amplas vestimentas de luto. E ressoou a voz de Pedralvar, o escudeiro, que resmungava:

— Quem é? Quem chama a estas horas? Que raios te partam!

— Abre, Pedralvar, por tua vida... Sou a tua senhora, sou dona Doroteia de Guevara. Abre logo!

— Arreda-te daqui, ó bêbado infernal... Se saio, por Deus que te arrevento!

— Sou dona Doroteia... Abre... Não reconheces a minha voz?

Uma negativa, enrouquecida pelo medo, veio novamente em resposta. Em vez de abrir, Pedralvar subia as escadas outra vez. A ressuscitada bateu com a aldraba mais duas vezes. A austera casa pareceu reanimar-se; o terror do escudeiro correu através dela como um calafrio na espinha. A aldraba insistia, e à porta se escutaram passos, corridas e cochichos. O portão ornamentado, entreabrindo as suas folhas, rangeu, e um agudo grito saiu da boca rosada da criada de quarto Lucigüela, que erguia um candelabro de prata com vela acesa, e o deixou cair de súbito: havia encarado a sua senhora, a

defunta, arrastando a mortalha e olhando-a atentamente...

Passado algum tempo, recordava Doroteia — já vestida de veludo estriado genovês —, trançadas as madeixas com pérolas, e sentada em uma poltrona de almofadões, junto à janela — que também Enrique de Guevara, seu marido, gritou ao reconhecer-lá. Gritou e retrocedeu. Não era de alegria o grito, mas de espanto... De espanto, sim. A ressuscitada não podia duvidar. Pois acaso os seus filhos — dona Clara, de onze anos e dom Félix, de nove — não haviam chorado de puro susto quando viram a mãe que retornava da sepultura? E com pranto mais aflito, mais angustiado que o derramado na ocasião em que a levaram ao sepulcro... Ela, que acreditava que seria recebida entre exclamações de intensa felicidade! Não há dúvida que dias depois celebraram uma missa soleníssima em ação de graças. Sem dúvida de que deram uma faustosa recepção aos parentes e achegados. Sem dúvida, enfim, que os Guevara fizeram tudo o quanto se deve fazer para demonstrar satisfação pelo singular e inesperado evento que lhes devolvera a esposa e mãe.

Mas dona Doroteia, com o cotovelo apoiado no peitoril do janelão e as faces metidas entre as mãos, pensava em outras coisas. Desde o seu retorno ao palácio, todos fugiam dela, dissimuladamente. Dir-se-ia que o sopro frio do sepulcro, o hálito glacial da cripta flutuava ao redor de seu corpo. Enquanto comia, notava que o olhar dos serviçais e

dos filhos desviava-se obliquamente de suas mãos pálidas, e que, quando aproximava de seus lábios secos a taça de vinho, os garotos estremeciam. Por acaso não lhes parecia natural que a gente do outro mundo comesse e bebesse? E dona Doroteia regressara desse país misterioso, que as crianças conjecturaram, ainda que não o conheçam... Se as pálidas mãos maternais tentavam brincar com os louros cachos de dom Félix, o pequenino, de sua feita, se desviava, com o gesto de quem evita o contacto de co-alhar o sangue. E à hora amedrontadora do anoitecer, quando as grandes figuras da tapeçaria parecem oscilar, se Doroteia cruzava com dona Clara no refeitório do pátio, a criança, apavorada, fugia como se fuge de uma maldita assombração.

A seu turno, o marido — guardando a Doroteia tanto respeito e reverência que maravilhava aos demais — não mais voltara a cingir-lhe a cintura com o braço forte... Em vão a ressuscitada retocava as faces com rubros cosméticos, mesclava às suas tranças fitas e pérolas e derramava sobre o corpete vidrinhos de essências do Oriente. Pela transparência da maquiagem entrevia-se a lividez de cera; em volta do rosto persistia a forma da touca funerária, e entre os perfumes sobressaía o bafo úmido dos mausoléus. Houve um momento em que a ressuscitada fez ao marido uma recatada carícia. Queria saber se seria repelida. Dom Enrique se deixou abraçar passivamente, mas em seus olhos — negros e dilatados pelo horror que, contra a sua vontade,

assomava às janelas do espírito —, naqueles olhos dantes galantes, atrevidos e luxuriosos, leu Doroteia uma frase que zumbia dentro de seu cérebro, já invadido por rajadas de demência.

“Donde tu voltaste, não se volta...”

E bem tomou as suas precauções. O propósito devia realizar-se de tal maneira que nunca seria revelado, seria um segredo eterno. Buscou o molho de chaves da capela e mandou fazer outras iguais por um jovem ferreiro, que partia com o regimento para Flandres no dia seguinte. De posse das chaves de seu sepulcro, saiu Doroteia, sem ser vista, uma tarde, coberta com um manto, e entrou na igreja pela portinhola, escondendo-se na capela de Cristo. E ao retirar-se o sacristão, fechando o templo, Doroteia desceu lentamente à cripta, alumiando-se com um círio preso a um candeeiro. Abriu a porta apodrecida, fechou por dentro e se deitou, apagando antes o círio com o pé.

VAMPIRO

Não se falava de outra coisa no país. E que milagre! Acontece todos os dias subir ao altar um setentão com uma menina de quinze anos?

Assim, ao pé da letra: Inesinha, sobrinha do padre de Gondelhe, tinha acabado de completar quinze anos e dois meses quando seu próprio tio, na igreja do santuário de Nossa Senhora do Chumbo — distante três léguas de Vila Morta — abençoou sua união com o Sr. Dom Fortunato Gaioso, setenta e sete anos e meio, segundo rezava a sua certidão de batismo.

A única exigência de Inesinha era casar-se no santuário. Era devota daquela Virgem e sempre usou o Escapulário de Chumbo, feito de flanela branca e seda azul. E como o noivo não podia — como haveria de poder, o pobrezinho! — subir a pé a encosta íngreme que, da estrada entre Cebre e Vila Morta, leva ao santuário de Chumbo, nem tampouco se sustentar a cavalo, pensou-se que dois fornidos mocetões de Gondelhe, feitos para carregar a enorme cesta de uvas nas vindimas, levariam Dom Fortunato, em cadeirinha de braços, até o templo. Um bom motivo para chacotas!

Porém, nos cassinos, boticas e outros círculos, digamos assim, em Vila Morta e Cebre, bem como nos átrios e sacristias das igrejas paroquiais, era preciso concordar que em Gondelhe caçavam-se

amplamente baús, e que Inesinha havia tirado o prêmio principal. Quem era, vamos ver, Inesinha? Era uma menina fresca, cheia de vida, com olhos brilhantes e bochechas como rosas; mas — que demônio! — há tantas assim do Sil a Avieiro! Por outro lado, não existe outra fortuna como a de Dom Fortunato em toda a província. E esta seria bem ou mal adquirida, porque os que voltam do outro mundo com tantos milhares de dólares sabe Deus que história escondem entre as duas tampas da sua maleta; só que... quem se mete a investigar a origem de uma fortuna? As fortunas são como o bom tempo: são desfrutadas e não se indagam as suas causas.

Constava, em referências muito autênticas e fidedignas, que o senhor Gaioso trouxera grande soma de dinheiro. Somente na agência do Banco de Áurea Velha deixou depositado, esperando a oportunidade de investir, cerca de dois milhões de reais (em Cebre e Vila Morta ainda se conta em reais). Todos quantos fossem os pedaços de terra que se vendiam do país, Gaioso comprava-os, sem barganhar. Na mesma praça da Constituição de Vila Morta, adquiriu um conjunto de três casas, demolindo-as e erguendo nos terrenos um novo e suntuoso edifício.

— Não bastariam a esse velho caduco sete palmos de terra? — perguntavam, entre zombeteiros e indignados, os frequentadores do cassino.

Imagine-se o que eles acrescentariam quando a estranha notícia do casamento se espalhasse, e quando soubessem que Dom Fortunato não apenas

dotou esplendidamente a sobrinha do padre, como também a instituiu herdeira universal. Os berros dos parentes, mais ou menos próximos, do ricaço chegavam ao céu: falou-se de tribunais, loucura senil, confinamento em manicômio. Mas como Dom Fortunato, embora bem acabadinho e seco como uma passa, conservava intactas as suas faculdades, reflexionava e dirigia os seus negócios perfeitamente, foi preciso deixá-lo em paz, confiando o seu castigo à própria loucura.

O que não se pôde evitar foi a descomunal *cencerrada*¹. Diante da casa nova, decorada e mobiliada prodigamente, onde os recém-casados já haviam se recolhido, reuniram-se, armados de frigideiras, caçarolas, potes, tripés, latas, corneta e apitos mais de quinhentos vândalos. Alvorozaram o quanto quiseram sem que nada os detivesse. No prédio, não se entreabriu uma janela, não se filtrou uma luz pelas frestas. Cansados e decepcionados, os pândegos retiraram-se para dormir. Embora estivessem preparados para burlar uma semana inteira, é certo que, já na noite de núpcias, deixaram em paz os noivos e a praça deserta.

Entrementes, dentro da bela mansão, abarrotada de ricos móveis e provida de tudo o quando o

¹ A *cencerrada* era uma manifestação popular burlesca, consistente em barulhentas algazarras, feitas com cencerros (chocalhos de animais que servem de guias para as outras reses), buzinas, panelas e outros apetrechos ruidosos para perturbar o viúvo na primeira noite de núpcias.

conforto e o bem-estar podem exigir, a noiva pensou que estava sonhando. Por pouco, a sós, sentiu-se capaz de dançar com prazer. O temor, mais instintivo do que racional, com que se dirigiu ao altar de Nossa Senhora do Chumbo, dissipou-se perante as doces e paternais reflexões do velho marido, que só pedia à sua terna esposa um pouco de carinho e de calor, os incessantes cuidados de que a velhice extrema necessita.

Agora Inesinha entendia o repetido "Não tenha medo, sua boba", o "Case-se em paz", de seu tio, o pároco de Gondelhe. Era um ofício piedoso, era um papel de enfermeira e filha que lhe cabia desempenhar por algum tempo, talvez por muito pouco. A prova de que ela continuava menina eram as duas bonecas enormes, vestidas de seda e renda, que encontrou na penteadeira, muito sérias, com caras de bobas, sentadas no canapé de cetim. Ali não se concebia, nem em hipótese, nem por sonho, que pudessem vir outras crianças além daquelas de fina porcelana.

Cuidar do velhinho. Ora, isto sim é o que faria de muito bom grado Inês. Dia e noite — principalmente à noite, que era quando ele precisava, ao seu lado, colado ao seu corpo, de um doce abrigo — ela se comprometia a atendê-lo, a não o abandonar um minuto. Pobre senhor! Ele era tão simpático e já tinha o pé direito na cova! O coração de Inesinha comoveu-se: por não ter conhecido pai, imaginou que Deus lhe concedera outro. Ela se comportaria como

uma filha, e mais ainda, porque as filhas não prestam cuidados tão íntimos, não oferecem seu calor juvenil, os cálidos eflúvios de seu corpo; e nisto justamente acreditava Dom Fortunato encontrar algum remédio à decrepitude.

— O que tenho é frio — repetia —, muito frio, minha querida. A neve de tantos anos coalhada nas veias. Eu te procurei como quem buscava o Sol. Eu me encosto a ti como se me encostasse a uma chama benfazeja em pleno inverno. Aproxima-te, dá-me os teus braços; senão, tiritarei e ficarei gelado imediatamente. Por Deus, mantém-me aquecido. Nada mais te peço.

O que o velho calava, o que se mantinha em segredo entre ele e o especialista curandeiro inglês, a quem consultara como último recurso, era a convicção de que, quando posta em contato a sua anciandade com a fresca primavera de Inesinha, ocorreria uma misteriosa troca. Se as energias vitais da moça, flor de sua robustez, sua intacta provisão de forças deveriam reanimar Dom Fortunato, a decrepitude e o cansaço do ancião lhe seriam comunicados, transmitidos para a jovem pela mistura e troca de hálitos, recolhendo o velho uma aura viva, ardente e pura, e absorvendo a donzela um vapor sepulcral. Sabia Gaioso que Inesinha era a vítima, a ovelha levada para o matadouro; e com o feroz egoísmo dos últimos anos de existência, nos quais tudo se sacrifica no afã de prolongá-la, mesmo que

apenas por horas, ele não sentiu nenhuma nesga de compaixão.

Agarrava-se a Inês, absorvendo sua saudável respiração, seu hálito perfumado, delicioso, aprisionado na urna de cristal de seus dentes brancos. Aquele era o derradeiro licor, generoso e caro, que comprara, e que bebia para manter-se vivo. E acreditava-se que, fazendo uma incisão no pescoço da menina, e sugando-lhe o sangue da veia, ele rejuvenesceria... Sentia-se ele capaz de fazê-lo? Ora, ele não pagou pela moça? Bem, Inês era dele.

Grande foi o espanto de Vila Morta — maior ainda do que o causado pelo casamento — quando notaram que Dom Fortunato, cujo sepultamento prognosticavam para oito dias, dava sinais de melhoras, até mesmo de rejuvenescimento. Já saía a pé um pouquinho, apoiado primeiro no braço da esposa, depois na bengala, a cada passo mais esguio, com menos tremores nas pernas. Dois ou três meses depois de casado, ele se permitiu ir ao cassino e, depois de meio ano — oh, que maravilha! —, jogou sua partida de bilhar, tirou a sobrecasaca, feito um jovem. Dir-se-ia que lhe inflavam a pele, que lhe injetavam sumos: as faces perdiam as rugas profundas, a sua cabeça se erguia, os olhos já não eram os olhos mortos que se acrescentavam ao crânio. E o médico de Vila Morta, o famoso Tropiezo, repetia com uma espécie de cômico terror:

— Que os diabos me levem se não termos aqui um centenário daqueles de que falam os jornais.

O mesmo Tropiezo teve que assistir Inesinha em sua longa e lenta enfermidade. Ela morreu — coitadinha de menina! — antes de completar vinte anos. Febre héctica, algo que expressava da maneira mais significativa a ruína de um organismo que dera o seu capital a outrem.

Um bom enterro e um bom mausoléu não faltaram para a sobrinha do padre; mas Dom Fortunato está procurando uma noiva. Desta vez, ou ele sai da aldeia ou a *cencerrada* termina por incendiar-lhe a casa e por arrastá-lo à rua para morrer de uma tremenda sova. Essas coisas não se toleram duas vezes! E Dom Fortunato sorri, mascando com os dentes postiços a ponta de um charuto.

A TROCA

De repente, ao entrar no bosque, o cão latiu furiosamente, e Raimundo, vendo que surgia por dentre os arbustos uma figura que lhe pareceu sinistra, instintivamente lançou mão de sua carabina carregada. No entanto, tranquilizou-se quando ouviu o homem que assim aparecia, murmurando com uma voz ansiosa e suplicante:

— Senhorzinho, pela alma de sua mãe...

Raimundo fez menção de vasculhar o bolso; mas o homem, com um movimento a que não faltava dignidade, conteve-o. Não era estranho que Raimundo tomasse aquele indivíduo por um mendigo. Ele usava roupas, se não andrajosas, puídas e remendadas, e tamancos muito gastos. Seu rosto estava curtido pela intempérie, avermelhado e seco; e seus olhos lacrimejantes, de pálpebras flácidas, e seu rosto esgotado e famélico traíam não apenas a sua idade, mas a miséria profunda.

— O que queres? — perguntou Raimundo, num tom frio e peremptório.

— O que quero? Quero... que eles não nos deixem morrer de fome, senhorzinho. Pela saúde de quem mais amas! Pela saúde da senhorita e do menino que acaba de nascer! Eu sou João, o oleiro, que leva uma *barbaridade* fazendo telha lá no bosque, senhorzinho...

“O meu genro me ajudava, mas Deus levou-o para si, e fiquei com a filha grávida e, eu, ancião, sem forças para amassar o barro... E porque me atra-sei no pagamento da renda, querem me tirar a olaria, senhor, a olaria, que é o nosso pão e o nosso socorro!

Raimundo deu de ombros. O que ele tinha a ver com essas bagatelas de pagamentos e cobranças? Eram coisas para o mordomo. Que lhe deixassem em paz, caçando e divertindo-se! A única coisa que lhe ocorreu responder ao pobre diabo foi uma objeção:

— Se, a final de contas, não podes trabalhar, de que te adianta a olaria?

— Senhorzinho, pelas almas... Escuta a santa verdade ... Procurei um rapaz que me ajudasse, e já o contratei a quatro reais, e, mesmo que *suemos a alma* — eu a gerenciar, ele a amassar e cozer —, pagamos, lá pelo Ano Novo, somente a metade da dívida. Não te peço esmola, senhor, pois quero ganhar meu sustento com as minhas mãos... Lembra-te que somos todos mortais, senhorzinho! E que tenho que alimentar duas bocas: a filha parida e o recém-nascido... A filha, por falta de *sustança*, está ficando sem leite, senhor, porque, em não tendo, com perdão, o que meter entre os dentes, o seu corpo não dá coisa alguma, nem para a criança, nem para o trabalho...

Impaciente, Raimundo franzia o cenho. Estavam-lhe malogrando a ocasião favorável de matar as codornizes. E, a final de contas, ele não entendia

bulhufas daquele imbróglio. Fez um movimento para desviar-se do velho, que continuava a atravessado no caminho, e resmungou:

— Bem, bem... Vou perguntar a Frazais... Vamos ver o que ele me diz sobre toda a tua história...

A Frazais! Ao mordomo implacável, ao exator, à *cunha do mesmo pau*, àquele que ria das necessidades, desgraças e agonias dos pobres! A esperança de João, o oleiro, de repente se extinguiu como vela quando soprada. Reprimiu um suspiro soluçante, uma queixa furiosa e surda. Ergueu a cabeça e, afastando-se sem dizer uma palavra, pôs o chapéu surrado e desapareceu no bosque de castanheiras, cujos galhos estalaram como se à passagem de uma fera...

Vagando desesperadamente, sem rumo algum, triste de morte, João encontrou-se, depois de meia hora, nos jardins da quinta, que lindavam com a olaria, e parou ao ouvir uma voz fresca que gorjeava palavras truncadas e carinhosas. Por entre os troncos das árvores, ele viu, sentada em um banco de pedra, uma jovem mulher amamentando uma criancinha. Bem conhecia João a ama de leite: era Juliana, esposa de Gório Nogueiras. Mas quão bela, quão gorda estava ela, tão diferente de quando *colhia* batatas, ajudando o marido! Nossa Senhora, o que a *sustança* faz! O seio que Juliana descobria, e sobre o qual o sol incidia naquele momento, parecia uma bola de manteiga, branca e redonda...

E João, lembrando-se de que a sua filha ia secando, ouvia com indescritível cólera o "glu, glu..." do jorrinho regalado de doce leite que escorria por entre os lábios do menino, filho do senhorzinho Raimundo, leite que lhe forniria umas carnes ainda mais roliças que a de Juliana, umas carnes rosadas, tenras como as de um leitãozinho...

Enquanto João contemplava o grupo, sentindo tentações veementes e absurdas de sair e fazer *uma barbaridade* para vingar-se daqueles a quem pouco importava que os pobres explodissem. Um homem, um lavrador, deslizava sorrateiramente ao banco onde Juliana amamentava. João o reconheceu e entendeu: ele era o marido da ama, Gório Nogueiras. A completa ausência de surpresa e a expressiva acolhida que Juliana deu ao recém-chegado provaram-lhe que o casal tinha por costume ver-se e falar-se assim, em segredo, naquele recanto isolado.

Juliana havia, prontamente, retirado o seio dos lábios do pequerrucho e, revelada a sua face diminuta, iluminada pelo sol claro, João se surpreendeu: o filho do senhorzinho Raimundo assemelhava-se ao neto do oleiro assim como um ovo parece-se com outro. Todas as crianças pequenas são parecidas; mas aqueles dois eram exatamente idênticos: os mesmos olhos azuis, o mesmo nariz um tanto largo, a mesma pele de nata de leite, o mesmo penacho louro saindo do gorro e caindo em duas mechas ralas sobre a fronte saliente.

Quão iguais são os ricos aos pobres enquanto não começa a *escravidão* do trabalho e a falta de *sustança*! João, pensando assim, deu dois passos à frente para ver melhor; as folhas farfalharam, e Juliana e Gório, assustados, quase se ajoelharam para implorar, por caridade, que não os denunciassem, que nada dissesse aos patrões do que tinha visto... Ora, falar o marido com a mulher não é pecado algum! Foi isto o que Gório exclamou, rogando ao oleiro que lhe desse razão. Quando se viu, entre os cristãos, privar o marido da vista da esposa?

— Nada temas — declarou João. — De minha parte, acho que os patrões não precisam saber disso... Eles lá que se ajudem, que nós nos ajudamos também... Não somos espíões, rapaz, nem vamos levar ninguém a pique... Eu... delatar-vos...?! Antes, cortem-me o pescoço... E se quiserdes ficar em paz e na graça de Deus, levarei o menino para minha casa... Lá, iremos entretê-lo, e tu, Juliana, poderás buscá-lo depois. Já conheces o caminho: atrás dos castanheiros, virando à direita...

— E se a joiazinha de Deus chorar? — perguntou Juliana com a involuntária e instintiva solicitude da ama pela criança.

— Se chorar, minha filha lhe dá o peito... Como tu, ela está criando um menino... — respondeu decisivamente o velho João, em cujos olhos lacrimejantes e marejados brilhava uma centelha de vontade diabólica. E, pegando o menino cuidadosamente, embalando-o e dizendo-lhe coisas a seu

modo, foi embora rapidamente, deixando o casal livre e satisfeito.

Três quartos de hora depois, Juliana, sozinha, inquieta, muito receosa de, ao voltar para casa, levar uma reprimenda por estar atrasada, foi buscar o menino no casebre do oleiro, uma mísera vivenda desmantelada, onde o frio e a chuva penetravam sem dificuldade, mercê do telhado sem forro e das rachaduras e buracos nas paredes. Ela não precisou entrar: na porta, obstruída por pilhas de estrume e mato, sobre as quais duas galinhas magricelas ciscavam, o oleiro já a esperava com a criancinha nos braços, embalando-a para que não chorasse...

— Ai, meu tesouro! Que saudade ele tinha de mim... Por que *bota* esta cara feia? Até parece mais magro! Sim, as roupas lhe estão caindo! — gritou a ama de leite, apoderando-se do menino e apressando-se em desabotoar-se para oferecer-lhe um consolo eficaz pelo momentâneo abandono...

— Com o tempo ele *bota* uma cor bonita, mulher; logo vai *botar* — afirmou, filosoficamente, o velho.

E enquanto a mulher, conturbada, abraçando e encharcando o anjinho, corria em direção à quinta, João, o oleiro, sorria com a boca desdentada e esfregava as mãos secas, pensando com seus botões:

— Vão expulsar-nos e iremos pelo mundo pedindo uma esmolinha... Mas aquele que é o meu neto não há de passar necessidade; quanto ao filho dos patrões... esse, que aprenda a cozer telhas

quando tiver idade suficiente... se chegar a tê-la,
sabe Deus!... Em casa de pobre, as criancinhas mor-
rem como moscas...

DIRIMENTE

O suicídio de Frederico Molina é um daqueles que ninguém explica. Aventuraram-se hipóteses considerando as causas que geralmente determinam um ato de tal natureza, por desgraças frequentes, até o ponto em que vão formando seção na imprensa. Falou-se, como sempre se fala, de jogos de azar, de olhos roxos, de enfermidade incurável, de dinheiro perdido e não recuperado, de tudo, enfim... Ninguém pôde sustentar, todavia, nenhuma das versões, e Frederico levou seu segredo ao esquecido nicho em que descansam os seus restos mortais, enquanto a sua pobre alma...

Não pensais no destino das almas depois que emergem de seu barro, como a centelha elétrica do carvão? Deveras, nunca pensais no que se diz? Credes a pés juntos, como Espronceda², na paz do sepulcro?

O príncipe Hamlet não acreditava e por isso preferiu sofrer os males que o rodeavam antes de procurar outros que não conhecia, na ignota terra de onde um viajante jamais regressou.

Talvez Frederico Molina não calculasse este grave inconveniente da sombria determinação: não sabemos, jamais saberemos, aquilo em que Frederico acreditava — nem mesmo no que duvidada —,

² José de Espronceda (1080 – 1842), poeta espanhol.

porque Hamlet, transtornado pela aparição da sombra vingadora, não cuidava que não era a fé, mas a dúvida, o que atentava contra sua vida; o problema do “acaso sonhar...”

Uma casualidade — tal como as que parecem inventadas e não se podem inventar — trouxe às minhas mãos algo semelhante a um diário: apontamentos traçados por Frederico, que tinham na primeira folha a precisa data de um ano antes do drama. A chave de sua desventura está encerrada num elegante álbum com capas de couro da Rússia, com as iniciais F. M. enlaçadas, de ouro, vendido a um pregoeiro e adquirido por um aficionado por encadernações — que arranca cuidadosamente o escrito ou impresso e guarda somente a capa, havendo constituído uma soberba, direi biblioteca?, de forros de livro, e a quem eu supliquei que me cedesse a parte de dentro, já que ele somente estima a está de fora — e, talvez, um grande sábio. Assim pude penetrar no espírito do suicida e creio que ninguém traduzirá, como eu traduzi, as indicações que extraio, coordenando-as.

“Sempre o mesmo! A impressão persiste.

Como começou?

Isto é que é pior: não posso dizê-lo. A inoculação foi tão imperceptível que apenas me lembro dos antecedentes.

Não vejo causa, não vejo origem definida. A meu ver, não levei susto algum; não tive nenhuma emoção, profunda ou repentina e assustadora, que justifique este estado de espírito tão especial.

De espírito? Também de corpo. Noto que minhas funções têm-se alterado; a cada dia, ficam-me mais patentes os estragos do mal em meu organismo.

A deterioração das minhas faculdades é gradual, profunda.

Minha inteligência está embotada, meu cérebro não governa, meu coração é um relógio decomposto. Nem mesmo sei se consigo perceber com exatidão o que me acontece.

Esse misterioso alguém não se põe, jamais, à minha frente. Eu o sinto às minhas costas. Onde? Não há espaço livre entre a cama e a parede. Sem dúvida, tudo é possível em se tratando de uma aparição: a parede retrocede para dar lugar a seu corpo insubstancial; se, de súbito, eu me voltasse para ele, veria o ser que se propôs a não me abandonar. Mas não me atrevo, jamais me atreverei. Ele está às minhas costas, eu creio. Não tomo resolução alguma e temo que ele estenda uma mão, que imagino fria e marmórea, e, com ela, percorra-me lentamente as têmporas ou me tape os olhos...

Retorno às apreensões da infância, apago a luz precipitadamente e cubro o rosto com as dobras do lençol para defender-me da medonha carícia.

Serei tão covarde? Envergonhado, começo a recontar os atos de coragem de minha folha de serviços... Tive, como todo mundo, meia-dúzia de episódios honrosos e, o que já não é tão frequente, num deles deixei malferido o meu adversário, um *fine lame*³. Estive a ponto de afogar-me em San Sebastián e não me recordo de ter sentido medo. Velei um primo meu, doente do tifo mais transmissível, e não temi o contágio. Mostrei indiferença diante dos perigos e não me faltam amigos que confirmem a minha coragem. O testemunho de minha consciência grita que não sou mofino.

Todavia, isto é medo, medo vil. Não lhe falta sintoma algum: o bater de dentes, o suor gelado, o zumbir de ouvidos; nem as desordenadas palpitações o coração, que, de súbito, se detém como se fosse deixar de bater.

O relógio, guardado na mesinha de cabeceira, tece com regularidade rítmica o seu tique-taque miúdo, e o meu sangue, coalhado ou arrebatado violentamente pela influência do medo, sobressalta-se com força e se precipita torrencialmente, causando-me uma espécie de congestão. É que senti, detrás de mim, bem claramente, uma respiração lenta, um hálito fatigado, um sopro perceptível. E me encolho, não consigo erguer-me e permaneço assim, ouvindo sempre a respiração do outro mundo, que, em ondas compridas e sutis, me envolve.

³ Em francês, no original: *espadachim*.

Fui ao médico. “Procure viajar, faça exercício, coma coisas nutritivas; isto é apenas produto dos nervos e da imaginação.” Como se nevos e imaginação não fossem parte de nós! Como se não soubéssemos o que essas palavras — nervos, imaginação — querem dizer!

Viajei. Minha viagem durou três meses. Nos quartos das pousadas, infalivelmente, o mesmo terror, a cada noite, me visitava. Percebi, atrás de mim, a perscrutar-me, o mesmo ser, que não posso nominar ou qualificar, pois não tenho a mais remota ideia de sua forma: ignoro de onde vem. Sei apenas que está ali, que o seu bafo sepulcral me roça a cara, que me penetra a medula dos ossos, que neles verte a sua peçonha.

Uma noite, num acesso de raiva, peguei o meu revólver e disparei para trás, para o sítio de onde sentira emanar o hálito maldito. As pessoas acorreram. Aleguei medo de ladrões. Como explicar? Não entenderiam...”

.....

“Isto precisa acabar — dizia uma das últimas folhas do diário. — Ficarei louco, porque, depois do disparo, voltei a ouvir a respiração, voltei a compreender que havia alguém ali e é impossível resistir tanto tempo a um suplício que sequer posso confessar”.

Sem dúvida, depois de garatujadas estas páginas, o medo insuperável fez o seu ofício, e não foi contra uma sombra que Frederico Molina disparou.

O ESPECTRO

Meu amigo Lúcio Trelles é um excelente sujeito, sem graves problemas na vida, e que parece ser normal e equilibrado. Como ninguém ignora, isto de ser equilibrado e normal tem atualmente tanta importância quanto teve, outrora, o ser limpo de sangue e cristão velho. Hoje, para desacreditar um homem, diz-se que ele é um desequilibrado, ou pelo menos, um neurótico. No século dezessete, dir-se-ia que mudava a camisa no sábado⁴, o que já era uma superioridade em relação aos inúmeros que não a mudariam em dia nenhum da semana.

Mas vejamos: Lúcio Trelles defende a teoria de que desequilibrado é todo mundo; que a ninguém falta esta “légua de mal caminho” psicológica; que não há quem não padeça de manias, superstições, esquisitices, extravagâncias, sem mais diferença que dizê-lo ou calá-lo, levar o desequilíbrio à vista ou bem oculto. Do que extraímos a conclusão de que o equilíbrio perfeito — em que todos os nossos atos correspondem aos ditames da razão — não existe; é um estado ideal que nenhum filho de Adão jamais encontrou em toda a sua vida. Lúcio apoiava esta opinião em raciocínios que, a bem da verdade, não me convenciam. Parecia-me que ele estava a confundir o desequilíbrio com estados passionais

⁴ Mudar a camisa no sábado era indício de prática judaizante.

que podem causar desequilíbrio momentâneo, mas não são desequilíbrios, pois são tão inevitáveis na vida psíquica como outros processos na fisiologia.

Interessante é que ninguém via Lúcio enamorado, encolerizado, apaixonado ou vicioso. Até me surpreendia com a normalidade de sua tranquila existência, sazoadada com distrações de bom gosto e ainda de arte, e dedicada a bem administrar uma fortuna copiosa e a acompanhar e proteger sua irmã, com a qual se portava como se fosse um pai. E eu lhe dizia, quando nos encontrávamos em uma agradável tertúlia que frequentávamos juntos:

— Sejam todos desequilibrados, mas o seu desequilíbrio não se vê em parte alguma.

Ele maneava a cabeça e a confidência parecia assomar-se por um segundo, como assoma um inseto horrível em uma ranhura da parede, retirando-se assim que entrevê a claridade... Já no caminho das curiosidades, notei que algumas vezes as pupilas de Lúcio revelavam um desvio. Não era que vesgueasse: a expressão respondia a um espanto íntimo sem relação com os objetos exteriores.

Lúcio costumava ir à tertúlia que mais frequentávamos com sua irmã, e de carruagem. Como, certa noite, eu o vi sair a pé, disse-me que sua irmã estava um pouco indisposta e ele não quisera atrelar os cavalos. Então caminhamos juntos. Não havia lua e as ruas dos bairros estavam escuras e solitárias.

Estávamos conversando animadamente, quando, de repente, senti que o corpo de meu amigo

gravitava, aluído, sobre o meu ombro. Apenas tive tempo para segurá-lo e impedir que caísse no chão. Ao fazê-lo, ouvi que ele murmurava frases confusas, entre gemidos. Eu não sabia o que fazer. Não via nada que justificasse o terror de Lúcio. Sem dúvida, ele era presa de uma alucinação.

Somente momentos depois recobrou os sentidos e soltou uma gargalhada forçada e seca para tranquilizar-me. Andou, vacilante, por uns instantes e, de súbito, virando-se para mim, sussurrou, com terror indescritível, um terror frio:

— E o gato? E o gato?

— Que gato? — perguntei, assombrado.

— O gato branco! O que passou quando caí!

Lembrei-me de que havia visto, de fato, uma forma branca deslizar, roçando a parede. Mas, que importância aquilo teria?

— Nenhuma para você! — murmurou surdamente o meu amigo.

Eu sentia o tremor de seu corpo, o ranger de seus dentes, e suas mãos crispadas me agarraram, incrustando-me os dedos no pulso. De sua garganta, contraída, as palavras brotaram como uma torrente, na inconsciência com que o meio enforcado arranca o seu laço.

— Claro, você não pode entender... Para você, um gato branco não é mais que um gato branco. Mas, para mim... É que eu... Não, aquilo não foi um crime, porque o que faz o crime é a intenção. Mas foi uma desventura tão grande, tão tremenda... Não

voltei a desfrutar de um dia de paz, e não há um dia em que não acorde com os cabelos arrepiados... Desculpe-me. É que eu tinha então vinte anos... — cresceu com um soluço. — Já em minha infância, a visão ou o contato de um gato me produzia uma repugnância nervosa. Mas não com a intensidade tal que eu não pudesse dominá-la se a tanto eu me propusesse. O pior é que esse período da juventude não quer ser dominado, quer apenas realizar o seu capricho. Crê que pode reger a vida a seu arbítrio, divertindo-se com ela, como com os brinquedos. Isto aconteceu quando eu me achava no campo, em companhia de minha mãe e minha tia Lucy, de quem herdei meu capital, pois meus pais não eram ricos.

— Acalme-se — disse-lhe, vendo-o tão agitado e observando a pouca inteligibilidade daquilo que me contava.

— Sim, já estou-me acalmando. Você verá como é natural a minha impressão.

“O que dizíamos?”

“Sim, eu estava no campo com minha mãe e minha tia Lucy, solteirona, que adorava o seu gato branco, o favorito da boa senhora, que estava sempre dormindo no seu colo ou encolhido na bainha de sua saia. Puf! Que gostos mais esquisitos! Eu — coisa de vinte anos, no afã de dominar a vida e agarrá-la ao meu capricho — achava que o gato lhe era uma ameaça. Deliberei que, se alguma vez o encontrasse sozinho, daria o que ele bem merecia. E,

para tanto, trazia sempre comigo um revólver de cano curto e não via o momento de meter uma bala na pança gorda do monstrengo, do odiado animalinho. Depois, eu me propunha a fazer desaparecer os seus restos... E negócio concluído.

“Foi numa noite. Uma noite como esta: sem lua, de uma escuridão tépida, em que tudo era um convite para viver e amar... Saí de meu quarto com o ânimo de distrair-me no jardim. Havia nele um caramanchão de madressilva... Eu o vejo agora. Era muito denso e, na lateral, tinha uma espécie de janelinha quadrada, recortada na trepadeira. Distraído, olhei... À beira da folhagem se enquadrava um objeto branco. Nem por um momento duvidei que fosse o gato impertinente.

“Saquei a arma e apontei... Atirei... Um grito fez o meu sangue gelar... Lancei-me ao caramanchão... Minha mãe estava ali. A sua cabeça estava envolta por um lenço branco...”

— Morta? — perguntei ansiosamente, começando a compreender a história.

— Não... Ferida levemente. Uma roçadura. O cabelo chamuscado. Então, minha mãe tomou pavor a mim... Nunca mais voltou a me amar... Nunca acreditou nos meus protestos de inocência, de que eu jamais pretendi assassiná-la... E morreu pouco depois, de uma doença cardíaca, provavelmente originada daquela emoção... Fiquei sob o peso do ódio, da eterna suspeita de minha mãe.

— Você não conseguiu convencê-la?

— Jamais...

Meditei um segundo.

— Havia algum motivo para que ela receasse que você... Enfim, que você... poderia ser capaz... de fazer isto?

Sem dúvida toquei uma fibra sensível, porque Lúcio emudeceu e vacilou, cambaleando, quase a cair novamente. Seus olhos, enlouquecidos, me fitaram por um instante. Não respondeu. Ao chegar à sua casa, disse-me seca e bruscamente:

— Boa noite.

Nunca mais, em qualquer outra ocasião, voltou a falar-me sobre o caso, em razão do qual um gato branco, para ele, é um espectro.

IDÍLIO

Da aldeola de Saint-Didier la Sauve, o sonhador e doce Armando seguiu direto para Paris. Havia estudado para padre antes que eclodisse a Revolução, mas esta, interrompendo subitamente a sua carreira, deixou-o sem saber a que se dedicar. O hábito da leitura e a timidez de caráter, suas mãos brancas e a delicadeza de seus gostos, afastavam-no do exército, da ardente e furiosa luta social daquele período histórico e, bem assim, dos ofícios manuais e mecânicos. De bom grado seria preceptor, mestre de quantos adolescentes nobres e elegantemente vestidos de veludos e rendas... Mas, agora, esses adolescentes, com roupas de luto, choravam no exílio suas famílias degoladas, ou nem se atreviam a chorá-las, porque não puderam emigrar para um país onde não fosse perigoso derramar seu pranto.

O caso é queurgia a Armando decidir-se e buscar algum novo caminho, porque os seus pais, aldeões muito pobres, não estavam dispostos a mantê-lo a suas expensas; e o moço, em seu refinamento, já não tinha o mesmo jeito de lidar com a enxada, ou mesmo a habilidade para conduzir o arado. Bocas inúteis não se acomodam entre os rústicos lavradores. Que se ganhe o que se come. Então, a Paris com a trouxa aos ombros! Uma vez ali, tomaria-o por escriturário, ou pelo que lhe ocorresse, o marceneiro Mauricio Dupey, nascido naquelas

plagas, e grande amigo do alcaide de Saint-Didier. Na aldeola, dizia-se que Mauricio Dupley, não satisfeito em fazer fortuna por meio de seu trabalho, atualmente era poderoso: mandava na capital. Como e por que mandaria? Para Armando, isto pouco importava. Sentia-se indiferente à política que, então, tanto agitava os espíritos.

Os que leem a História concedem talvez exclusiva importância aos fatos de maior relevo; os que vivem essa mesma História preocupam-se mais com o comezinho e o cotidiano, com a subsistência, o emprego das horas do dia. Quando Armando chegou a Paris, arrastava-se de cansaço e morria de calor. Perguntando, dirigiu-se ao domicílio de Duplay. Cruzou o portão de entrada, entrou no vasto pátio, cujos fundos eram ocupados pelas oficinas de marcenaria, e parou defronte do edifício que avançava para o pátio. Ali residia a família, ocupando o térreo e o primeiro andar. À direita e à esquerda do pavilhão abriam-se duas barracas, uma de restauração, outra de entalhamento, e dois pacíficos velhos, um calvo e outro de cabelos brancos, dedicavam-se à minudente e filigranada atividade de seu ofício. No fundo do pátio divisava-se um pequenino jardim, cujas ramagens de rosas, gerânios e mosquetas enfiavam-se pelas janelas do rés do chão. Uma sensação de calma e bem-estar se apoderou de Armando, comovendo-o. Uma mulher de idade madura lhe abriu a porta e, ao ouvir que perguntava pelo dono da casa, levou-o a um salão. Armando

não se atreveu a entrar. Levou um dedo aos lábios e escutou atentamente.

A família Duplay se encontrava ali reunida e alguém lia em voz alta, com admirável entonação, versos magníficos. O jovem estudante havia reconhecido o texto: era a terna paisagem de despedida, na *Bérénice*⁵, de Racine⁶:

*Pour jamais! Ah! Seigneur, songez-vous en vous même,
combien ce mot cruel est affreux quand on aime?*⁷

com todas as apaixonadas e sentidas razões que a princesa disse ao imperador Tito. Um ar doce balançava os galhos das roseiras, ainda em flor: seu perfume penetrava pela janela aberta. O homem que lia aparentava uns trinta e cinco anos e era de estatura mediana, de feições bem delineadas, de larga fronte guarnecida de cabelos castanhos, de olhar profundo. Estava belamente vestido de jaqueta e casaca, com manguitos e gravata de fina musselina orlada de rendas. Enquanto lia, seus olhos se fixavam em uma das encantadoras moças que, agrupadas em círculo ao redor da anfitriã — a esposa de Duplay —, acabavam de largar a agulha de tapeçaria e, com as pupilas enuviadas por lágrimas, escutavam os divinos versos alexandrinos do poeta.

⁵ Tragédia de Racine, representada em 1670.

⁶ Jean Baptiste Racine (1639 – 1699), poeta e dramaturgo francês.

⁷ Para sempre! Ah! Senhor, já pensou consigo mesmo/Como esta cruel palavra é horrenda quando se ama?

A esta passagem, o pranto das lindas meninas já corria solto pelas faces frescas, misturado aos sorrisos de felicitações àquele que recitava com tanta alma e tanta maestria. Só então Armando resolveu avançar, arrebatado de entusiasmo poético: ele também trazia nas pálpebras a umidade das emoções belas, esse efusivo enternecimento que a arte produz.

Sem explicação alguma, aproximou-se do leitor e o elogiou calorosamente, apertando-lhe a mão. Ninguém mostrou estranheza ao vê-lo. Apontaram-no uma poltrona de mogno talhado e veludo vermelho de Utrecht, e, ao explicar que era o estudante recomendado pelo alcaide de Saint-Didier la Sauve, a mulher de Duplay lhe estendeu a mão.

— Meu marido não está em casa neste momento e talvez não volte hoje, mas conheço a tua maneira de pensar. Nós nos identificamos tanto! Seja bem-vindo, cidadão, estás entre amigos. Isabel, minha filha caçula, preparará para ti um quarto lá em cima e, enquanto não encontrares um meio de ganhar o teu pão, tu te sentarás à nossa mesa. O que achas, Maximiliano? — acresceu a excelente senhora, voltando-se para o leitor.

Este deu a sua aprovação, inclinando a cabeça com um gesto sério e cortês, cheio de boa vontade. Armando sentiu que o coração se dilatava de alegria. Um calor simpático, a hospitalidade, a bondade vinham ao seu encontro.

— Obrigado, senhorita — murmurou, dirigindo-se a Isabel que, ao sair para preparar-lhe o quarto, lhe sorria de maneira afável e picaresca. Mas, corrigindo-se imediatamente⁸, Armando acresceu:

— Obrigado, cidadã.

Os presentes riram com a retificação. Uma outra moça acendeu as velas dos candelabros. O ambiente parecia em festa, a saudar o novo hóspede.

— À mesa! — ordenou, em seguida, a senhora da casa.

Dirigiram-se à sala de jantar. Armando, extenuado pela caminhada a pé e em diligência, faminto com a fome saudável dos vinte e dois anos, encontrou uma deliciosa refeição, sazoadada pela franqueza e simplicidade dos comensais. A inflada tortilha, o pastel, as frutas tinham o sabor da glória. Falou pouco, mas discretamente, e o leitor, sentado à direita da esposa de Duplay, mantinha a conversação, interrogando-o sobre arte e literatura.

— Logo — disse com bondade — te mostrarei as pinturas de Gerard⁹ e Prudhon¹⁰. Verás como o pincel eclipsa a natureza...

Armando deitou-se tão contente, tão embriagado de felicidade, que nem dormir conseguia. Aquela família era ideal, aquele interior afetuoso,

⁸ A revolução francesa abolira o tratamento comum (senhor/senhora), sendo obrigatório o emprego de cidadão/cidadã.

⁹ François Gérard (1770 – 1837), pintor neoclássico francês.

¹⁰ Pierre Prudhon (1758 – 1823), pintor romântico francês.

cordial, artístico, em que se rendia culto à amizade e à beleza; aquelas criaturas gentis que o acolhiam como um irmão... Tudo isto sobrepujava ao quanto pudera sonhar na vida.

Quando finalmente dormiu, caiu num sono a um tempo leve e febril, em que o cérebro repassava as cenas da véspera, aprimorando-as. Ele via a si mesmo num vale florido de rosas, segurando a mão de Isabel, guiado por ela e pelo leitor até um pequeno templo de mármore, onde, num altar revestido de hidra, assentava-se um cupido sorridente, que aproximava duas tochas para confundir suas chamas.

Um estrépito na rua o acordou com um sobressalto. Era dia claro. Saltou da cama, abriu a janela, pondo-se de bruços sobre ela. O horror o imobilizou.

A face de uma cabeça cortada, lívida, que traziam na ponta de uma lança, quase se chocara com o rosto de Armando. Um sangue negro escorria do pescoço. Algumas moscas revoloteavam, insistentes, ao redor do despojo. E, do grupo, que se detivera sob a janela, irromperam aclamações de triunfo:

— Viva Robespierre! Viva Maximiliano, viva!¹¹

¹¹ Maximilien (em espanhol *Maximiliano*) Robespierre (1758 – 1794) foi um dos grandes líderes da Revolução Francesa. Alcunhado, pelos inimigos, de “Ditador Sanguinário”, abraçou as tendências mais radicais da Revolução.

Armando retrocedeu, quase tão pálido quanto a face da cabeça cortada... Acabara de compreender quem era o leitor de Racine, o homem sensível... O amigo, o inteligente comensal!...

Tremendo, recuou e se deixou cair, meio desmaiado, sobre a cama ainda quente. Meia hora depois, recobrando alguma força, já capaz de raciocinar, recolheu suas pobres trouxas e fugiu daquela casa maldita. Teve sorte. Não o fizesse, e, também, teriam cortado a sua cabeça no termidor¹².

¹² Robespierre foi executado na guilhotina no dia 28 de julho de 1794, correspondente ao dia 10 do termidor, que era o 11º mês do calendário revolucionário francês. Entre 17 de julho de 1792 e 27 de julho de 1794, o marceneiro Maurice (em espanhol *Mauricio*) Duplay (1736 – 1820) acolheu Robespierre em sua residência, situada na rua Saint-Honoré nº 366, Paris. Vários membros da família de Duplay foram encarcerados à época da prisão e execução de Robespierre. A mulher de Duplay, Françoise Éléonore Vaugeois (1735-1794) foi encontrada enforcada em sua cela um dia após a execução do líder revolucionário. Posteriormente, Maurice Duplay foi julgado e posto em liberdade. Uma das filhas de Duplay, Élisabeth (em espanhol *Isabel*) Le Bas (1772 - 1859), foi presa em 31 de julho — três dias após o suicídio, no cárcere, de seu marido, o revolucionário Philippe Le Bas (1764 - 1794) —, sendo libertada cinco meses depois.

O CORAÇÃO PERDIDO

Passeando, certa tarde, pelas ruas da cidade, vi que havia no chão um objeto vermelho. Baixei-me: era um sangrento e vivo coração, que apanhei cuidadosamente. “Alguma mulher deve tê-lo perdido”, pensei, ao observar a brancura e a delicadeza da terna víscera que, ao contato de meus dedos, palpitava como se estivesse dentro do peito de seu dono. Eu o envolvi, esmeradamente, num lenço branco e o guardei, escondendo-o sob a minha roupa. Dediquei-me a averiguar quem seria a mulher que havia perdido o coração na rua. Para melhor investigar, adquiri uns óculos maravilhosos, que permitiam enxergar através do corpete, da roupa interior, da carne e das costelas — como por esses relicários que são o busto de uma santa e têm no peito uma janelinha de vidro — o lugar que o coração ocupa.

Assim que pus os meus óculos mágicos, fitei ansiosamente a primeira mulher que passava e — oh, assombro! — vi que a mulher não tinha coração. Ela deveria ser, sem dúvida, a proprietária de meu achado. O estranho foi que, ao lhe dizer como havia encontrado o seu coração e indagar-lhe se queria tê-lo de volta, a mulher, indignada, jurou e perjurou que não havia perdido coisa alguma; que seu coração estava onde sempre estivera e que lhe sentia perfeitamente a pulsação, recebendo e lançando o

sangue. Em vista da teimosia da mulher, deixei-a e me virei para outra, jovem, linda, sedutora, alegre. Santo Deus! Em seu branco peito havia o mesmo vazio, o mesmo buraco rosado, sem nada, nada, em seu interior. Também esta não tinha coração. E quando lhe ofereci, respeitosamente, aquele que eu trazia bem guardado, menos ainda quis ela admitir a sua privação, alegando que lhe era uma grave ofensa supor que lhe faltava o coração, ou que era tão descuidada a ponto perdê-lo em via pública, sem se dar conta disto.

E passaram centenas de mulheres, velhas e moças, lindas e feias, morenas e louras, melancólicas e vivazes; e para todas volvi os meus óculos, e em todas notei que do coração só tinham o lugar, porque o órgão jamais havia existido, ou o haviam perdido tempo atrás. E todas, sem exceção, ao querer eu devolver-lhes o coração de que careciam, se recusavam a aceitá-lo, quer porque acreditavam que já o tinham, quer porque sem ele estavam maravilhosamente bem, quer porque se julgavam ofendidas com a oferta, quer porque não se atreviam a arrostar o perigo de possuir um coração. Já perdia eu a esperança de restituir a um peito de mulher o pobre coração abandonado, quando, casualmente, com a ajuda de minhas prodigiosas lentes, vislumbrei que passava por uma rua uma menina pálida, e em seu peito — por fim! — distingui um coração, um verdadeiro coração de carne, que saltitava, pulsava e sentia. Não sei por que — pois reconheço que

seria um absurdo ofertar um coração a quem já o tinha tão vivo e desperto —, ocorreu-me experimentar presentear-lhe com aquilo que todas haviam recusado; e eis que a menina, em vez de repelir-me como as demais, abriu o seio e recebeu o coração que eu, já tão cansado, iria deixar outra vez caído sobre os seixos.

Enriquecida com dois corações, a menina pálida ficou mais pálida ainda: as emoções, por insignificantes que fossem, faziam-na estremecer até a medula; os afetos vibravam nela com cruel intensidade; a amizade, a compaixão, a tristeza, a alegria, o amor, os ciúmes: tudo era nela profundo e terrível. E muito ingênua, em vez de resolver-se a suprimir um de seus corações, ou os dois ao mesmo tempo, dir-se-ia que se comprazia em viver dupla vida espiritual, querendo, gozando e sofrendo duplamente, somando sentimentos tais que seriam suficientes para extinguir a vida. A criança era como vela acesa pelos dois extremos, que se consome em breves instantes. E, de fato, se consumiu. Deitada, lívida, em seu leito de morte, tão enfraquecida e magra que parecia um passarinho, vieram os médicos e garantiram que o que lhe arrebatava deste mundo era a ruptura de um aneurisma. Ninguém (todos são tão incompetentes!) soube descobrir a verdade: ninguém compreendeu que a menina havia morrido por cometer a imprudência de dar asilo, em seu peito, a um coração perdido na rua.

O FANTASMA

Quando eu fazia faculdade em Madri, todas as quintas-feiras comia na casa dos meus parentes distantes, os senhores de Cardona, que desde o primeiro dia me acolheram e me trataram com sumo carinho. Marido e mulher formavam um contraste gritante: ele era robusto, sanguíneo, franco, alegre, partidário de soluções práticas; ela, pálida, nervosa, romântica, perseguidora do ideal. Ele se chamava Ramón; ela tinha o nome antiquado de Leonor. Para minha imaginação juvenil, aqueles dois seres representavam prosa e poesia.

Esmerava-se Leonor por me apresentar os pratos de que eu gostava, minhas guloseimas preferidas, e com as próprias mãos preparava-me, numa brunida cafeteira russa, o café mais forte e aromático que pode apetercer a um aficionado. Seus dedos longos e delgados me ofereceram a xícara de porcelana e, enquanto eu saboreava a deliciosa infusão, os olhos de Leonor, do mesmo tom escuro e quente do café, fixaram-se em mim de forma magnética. Parecia que eles queriam entrar em íntimo contato com minha alma.

Os senhores de Cardona eram ricos e estimados. Nada lhes faltava do quanto contribui para proporcionar a soma de ventura possível neste mundo. No entanto, dava-me a excogitar que

aquele casamento entre pessoas de compleições morais e físicas tão diferentes não poderia ser ditoso.

Embora todos afirmassem que Dom Ramón Cardona transbordava de bondade e sua esposa de decoro, para mim havia um mistério naquele lar. Será que as pupilas marrons me revelariam?

Aos poucos, quinta após quinta, fui adquirindo um interesse egoísta na solução do problema. Não é fácil, aos vinte anos, permanecer insensível a olhos tão expressivos, e minha tranquilidade já começava a perturbar-se e minha vontade a fraquejar. Depois da refeição, o senhor de Cardona saía; ia ao Cassino ou a alguma tertúlia, visto que era sociável, e Leonor e eu ficávamos, depois do jantar, a tocar piano, comentar as leituras, jogar xadrez ou conversar. Às vezes, as vizinhas do segundo andar desciam para passar um tempo; outras vezes, ficávamos sozinhos até as onze horas, quando eu costumava sair, antes que fechassem as portas. E, com a estupidez de um garoto, achei muito estranho que Dom Ramón Cardona não tivesse ciúmes de mim.

Numa das noites em que não desceram os vizinhos — uma noite cálida e estrelada de maio —, permitindo a varanda aberta entrar o perfume das acácias para embriagar-me o coração, o diabo tentou-me mais fortemente, e resolvi declarar-me. Já balbuciava entrecortadas as palavras, não precisamente de paixão, mas de adesão, submissão e ternura, quando Leonor cortou-me, dizendo-me ter tanta certeza da minha leal amizade que queria

confiar-me algo muito grave, o terrível segredo da sua vida. Interrompi minhas confissões para ouvir as da senhora, e me foi pouco apetecível ouvir de seus lábios, trêmulos de vergonha, a narração de um episódio amoroso.

— Meu único pesar, meu único erro — murmurou, com angústia, dona Leonor — chama-se Marquês de Cazalla. Ele é, como todos sabem, um perdido e um espadachim¹³. Tem em seu poder as minhas cartas, escritas em momentos de delírio. Para tê-las de volta, não sei o que daria.

E eu vi, à luz dos astros brilhantes, uma lágrima lenta deslizando das pupilas escuras...

Ao apartar-me de Leonor, já tomara a decisão de ver o Marquês de Cazalla no dia seguinte. Minha petulância juvenil ditava tal resolução. O marquês, a quem passei o meu cartão, recebeu-me imediatamente num artístico *fumoir*¹⁴ e, às primeiras palavras relativas ao assunto que motivava a minha visita, encolheu os ombros e, afavelmente, disse:

— Não estou surpreso com o passo que você dá; mas rogo-lhe que acredite em mim e dou-lhe a minha palavra de honra de que o que vou lhe dizer é a pura verdade. Considero o caso da senhora Cardona o mais estranho que já me aconteceu. Não posuo e nunca possuí os documentos a que se refere aquela senhora, e jamais tive o prazer... porque

¹³ Homem vil, rufião.

¹⁴ Sala de fumar.

prazer seria tratá-la... Repito que o afirmo com a minha palavra de honra!

A resposta era tão inverossímil que, apesar do tom de absoluta sinceridade do marquês, fiz-lhe uma carranca cética, talvez até insolente.

— Vejo que não acredita em mim — acrescentou, então, o marquês. — Não me dou por ofendido. Já o esperava. Você pode duvidar da minha palavra; mas nem você nem ninguém tem o direito de supor que sou um homem que evita, por meio de subterfúgios, uma rusga pessoal. Se o que você procura é uma contenda, tem-me à sua disposição. Rogo-lhe apenas que, antes de resolver esta questão de um modo ou de outro, consulte... o Sr. Cardona. Eu disse ao senhor. Não olhe para mim com esses olhos assustados... Ouça-me até o fim. Dona Leonor Cardona — que, segundo a opinião geral, é uma senhora honradíssima — deve ter sofrido um pesadelo e sonhado que tínhamos relações, que nos víamos, que ela me tinha escrito etc. Sob o influxo de um ilusório remorso, ela contou tudo ao marido... isto é, nada...; mas *tudo* para ela; e o marido veio aqui como você, só que mais bravo, naturalmente, a pedir-me contas, a querer beber meu sangue. E se eu não o tivesse bastante frio, o assassinato de Cardona estaria pesando em minha consciência neste momento... ou ele teria me matado (não digo que isto não pudesse acontecer). Por sorte não me aturdi. Perguntando a Cardona sobre as épocas em que a sua esposa afirmava que nossas entrevistas

criminosas teriam ocorrido, pude demonstrar, de maneira confiável, que na ocasião eu me encontrava em Paris, Sevilha ou Londres. Com igual facilidade, provei a inexatidão de outros dados aduzidos pela Dona Leonor. Assim é que o senhor Cardona, muito confuso e espantado, teve que sair pedindo-me desculpas. Se você me perguntar como explico um acontecimento tão extraordinário, direi que acredito que essa senhora, que depois procurei conhecer (pela memória da minha mãe, juro-lhe que antes, nem de vista!), sofre de alguma enfermidade moral, e teve uma visão. Digamos que um espectro de amor apareceu a ela... E esse espectro — sabe-se lá por quê! — assumiu minha forma. E nada mais... Não fique tão surpreso. Daqui a dez anos, depois de conhecer algumas mulheres, você vai se acostumar a não se admirar com quase nada.

Saí da casa do marquês com um estado de espírito indefinível. Embora não houvesse como desmenti-lo, a descrença persistia. Impressionado, contudo, com as firmes e categóricas afirmações do dândi, dediquei-me, desde então, não a cortejar Leonor, mas a observar Cardona. Procurei falar-lhe muito, deixar fluir a sua espontaneidade, e fui extraíndo, fio por fio, conversas sobre a fidelidade conjugal, os perigos que um erro pode originar, as alucinações que às vezes sofremos, os estragos causados pela fantasia... Por fim, um dia, como que inadvertidamente, deixei deslizar no diálogo o nome do Marquês de Cazalla e uma alusão às suas

conquistas... E então Cardona, olhando-me cara a cara, com um gesto entre o zombeteiro e o sério, perguntou:

— O quê? Já o mandaram para lá também? Pobre Leonor, é claro que não tem cura!

Não precisei mais para confessar os meus esforços e Cardona, sorrindo, embora com a sua sonora voz ligeiramente alterada, disse:

— Saiba você que, quando fui à casa do Marquês de Cazalla, já tinha certas suspeitas quanto às alucinações de Leonor, das quais, mais tarde, logrei plena convicção. Embora eu não pareça ciumento, e dir-se-ia mesmo que me perco por confiar, sempre vigiei Leonor, porque a amo muito, e em momento algum ela poderia ter cometido, sem que eu não me inteirasse, os crimes dos quais se acusava. Compreendi que era tudo uma fantasmagoria, um sonho, e me resignei à hipótese de um delito imaginário... Quem sabe se esse fantasma de paixão e arrependimento serve de escudo contra a realidade! O que te garanto é que Leonor, vivendo eu, nunca mais sairá da região dos fantasmas... E não falemos mais nisso na vida!

Aproveitei o aviso e, a partir daí, evitei ficar a sós com a Leonor, e até fixar o meu olhar nos seus olhos escuros, nublados pela quimera.

O CONJURO

O pensador ouviu soar pausadamente, caindo do alto relógio inglês coroado por estatuetas de bronze, as doze horas da noite do último dia do ano. Depois de cada batida, a caixa sonora e seca do relógio ficava a vibrar como se estremecesse de um misterioso terror.

Levantou-se o pensador de sua antiga poltrona de couro, brunida pelo roçar dos ombros e braços durante longas jornadas solitárias de estudos e, como quem toma uma resolução definitiva, aproximou-se da chaminé acesa. Agora ou nunca era a ocasião favorável para o conjuro.

Tirou de uma panóplia uma espada, que conservava na ranhura o óxido produzido pelo sangue bebido, no passado, em contendidas e batalhas, e com ela descreveu — em frente à chaminé, e afastando-se dela o suficiente — um pentagrama, no qual meteu-se dentro. Chispas de fogo brotavam da ponta da espada, e a superfície do piso carbonizava-se onde a linha descrevia o círculo mágico ao redor do ousado que se atrevia a praticar o ritual de bruxaria já quase esquecido. Enquanto traçava o círculo, murmurava palavras cabalísticas.

Uma figura alta e sombria pareceu surgir da chaminé e seguir ao encontro de quem a invocara, sem ruído de passos, com o avanço mudo das sombras.

A grande capa, flutuante, cor de fumo, em que se reбуçava a figura, e o chapéu escuro, imenso, cuja aba descia até o emбуço, não permitiam ver o rosto da aparição. Mas o pensador não podia aproximar-se dela. Um encantamento o prendia ao círculo. Só se libertaria se recitasse o conjuro ao contrário e marcasse o pentagrama no sentido igualmente inverso. Mas lhe faltava coragem: sentia que as veias coalhavam na presença do figurão silencioso, que talvez não tivesse corpo; quiçá fosse uma ilusão perversa dos sentidos, uma névoa psíquica.

— Satanás, Luzbel, Astarote, Belial, Belfegor, Bezebu? — articulou ansiosamente, perguntando.

— Qual dos nobres príncipes do Abismo me honra, acudindo à minha invocação?

O espectro se desemбуçou suavemente. Não tinha cara. Em vez de semblante, o pensador viu uma espécie de mancha cambiante, informe. A voz saía do fundo peito, como se proviesse de uma caverna devastada.

— Não sou um dos duques e arquidukes do Abismo. Se tivesse uma alcunha, eu me chamaria o Cavaleiro do Nada, porque não existo. Vós me inventastes.

O pensador adivinhou quem era o fantasma sem rosto, invenção do homem. Não foi à toa que experimentou o amargo licor da sabedoria, lentamente e em goles profundos, na quietude de sua biblioteca, decantando a ciência antiga através do filtro novo. O Cavaleiro do Nada — aquele que só

existe em nossa mente, que acredita abarcar seu ser e não abraça senão vazio... — é o Tempo, o Tempo soberano!

— Já que vieste, a ti pedirei o que iria pedir aos príncipes da escuridão. Detém-te, Tempo, detém-te para mim. A sucessão de instantes, que encadeia tua corrente, roça e gasta o tecido de nossa pobre vida... Durante toda ela — oh, tempo informe! —, senti que me roíás e me pulverizavas o existir. Foste meu carcoma, foste meu pesadelo. Cada pulsar de meu coração, em vez de dizer *um a mais*, diz *um a menos*. Agora mesmo acabas de me roubar um ano... Assim me anunciou a língua de bronze desse relógio!

— Em suma: queres libertar-te de mim? — exclamou o espectro.

— De teu poder infinito... Nada resistes a ti: és o vencedor. Debelas fortalezas, arrasas as cidades, secas os mares. O amor tirânico se humilha diante de ti. Jamais se soube como resistir a ti. Serás sempre poderoso!

— Poderoso? Como, se não existo? Quando pensas em mim, já não sou. E como não sou e nem fui, não tenho panteão ou sepultura. Ninguém dirá em que pirâmide coberta pela areia do deserto jazem os séculos que passaram para não mais voltar... Enfim, o que me pedes? Teu conjuro me obriga. Tu pronunciaste as terríveis fórmulas de Salomão, filho de Davi.

— Não te peço a juventude, como Fausto quando caducava... Só te rogo que te detenhas para mim. Que eu não sinta o teu acicate mortal.

— É o que queres? Concedido — respondeu o fantasma.

E, com lentidão majestosa, foi-se dissipando a fumareda gris, cor de morcego, em que consistia. Em seu lugar, coalhou-se e solidificou-se um vulto colossal de bronze dourado: uma mulher formosíssima e refulgente, tão grande que chegava ao teto e preenchia todo o ambiente. A enorme figura estreitou em seus braços frios, brilhantes e polidos o corpo trêmulo do pensador.

— Comigo não sentirás o Tempo. Sou a Eternidade. E já és meu — disse em voz alta, como o clangor ressoante das trombetas heroicas.

Quando amanheceu, serviçal, ao entrar para abrir as janelas do estúdio, viu a chaminé apagada e o seu amo morto, estirado sobre o chão, onde um círculo negro assinalava a infernal queimadura.

A ENCLAUSURADA

Reclinada sobre tapetes persas, pálida e triste, entre as fumaredas de turíbulos que a envolvem em nuvens de exóticos incensos e violentas fragrâncias orientais, a czarina treme, porque seu o marido — seu terrível marido — retornará da guerra ou da caça. E, quando ele voltar, a czarina sofrerá o suplício da marmórea indiferença e o desdém brutal com que seu senhor a olha e a trata, farto de sua formosura e aborrecido com a mulher que não consegue atraí-lo aos seus braços.

Por que o czar a odeia? A czarina ignora. Seus espelhos de prata polidos lhe dizem que é linda. Sua caudalosa ramagem de cabelos, cor de cobre limpo, ondula e derrama-se em cachos até a borda do pesado cafetã de veludo verde bordado de ouro. Seus traços perfeitos parecem cinzelados, como costumam parecer os de suas conterrâneas, as filhas da Geórgia. Sua pele clara reluz com um doce brilho nacarino. Suas mãos são tão delicadas e longas quanto as do ícone de marfim que se ergue de um nicho junto à cama. A czarina sabe tocar, sabe cantar, e ela mesma compõe os versos de seus melancólicos lamentos. Por que o czar a detesta? Ela não ousa perguntar. Talvez ele mesmo não o saiba. Sentimentos existem cuja origem a alma — onde eles reinam — desconhece.

Ouvem-se os latidos de cães, o relincho de cavalos, a algazarra de caçadores. O czar retorna. A czarina, tremendo, ensaia o sorriso, pinta as faces, prende ao peito uma rosa de Teerã, colhida da roseira de que ela mesma cuida, e sai ao encontro do marido, como deve fazer toda esposa fiel e amorosa. Enquanto despojam o czar de seus adereços de caça e o vestem com roupas prolixamente bordadas, a czarina espera prender ao seu soberano o broche redondo de turquesas e granadas que segura a túnica. Quando se adianta, pronta para fazê-lo com um gesto amoroso, o czar a repele.

— Czarina, eu te detesto. Tua visão é amarga como absinto. Eu odeio os teus olhos azulados e as tuas lágrimas infantis, que não logras esconder. Eu odeio a rosa que te adorna, a fragrância que teus lábios exalam. Odeio tuas mãos de marfim, semelhantes às do ícone, e teus pés bem torneados, que vinus. Apara esse cabelo comprido e encaracolado e, sem murmurar, desaparece nas trevas do convento.

— Em que delinqui? Tenho sido leal a ti. A ti tenho amado e obedecido como a mão obedece à vontade... Qual é a minha culpa?

— Nenhuma. Odeio-te. Nada mais posso dizer-te. Basta. Serás trancafiada numa cela de pedra com três janelas. Da primeira, verás uma igreja com cúpulas douradas; da segunda, um jardim cheio de flores; da terceira, um cemitério onde hás de jazer.

— Por compaixão! — geme a jovem, proster-nada. — Deixa-me livre, czar ortodoxo, e

mendigarei o meu sustento! Deixa-me ocupar o último posto entre as servas do palácio e jamais me lembrarei de que fui um dia a czarina.

— Quem foi um dia permanece sendo. Levarás à cela a tua excelsa coroa de pedraria, teu manto forrado de zibelina, teus colares relicários. Despacha-te daqui. Hoje te esperam no convento da Virgem Santíssima.

Para lá conduzem, na mesma noite, a Czarina. Enclausurada em sua cela, assim que acorda, suspeita que teve um sonho horrível, mas não pode duvidar. Ela reconhece as três janelas, das quais vê a igreja, o jardim e o cemitério com seus túmulos relevados e seus ciprestes sombrios. Balança a cabeça: sua soberba ramagem de cabelos desapareceu. Ela esconde o rosto nas mãos e chora, chora três dias e três noites, recusando o alimento.

No terceiro dia, exânime, ela bebe um jarro de *kumis*¹⁵ e se resigna. Toda manhã, reza diante das cúpulas douradas; toda tarde, canta, acompanhando-se de sua bandurra, canções desoladas. Jamais olha pela janela que dá para o cemitério. Seu único consolo é olhar para o jardim florido. Mas o inverno se aproxima: o sopro de sua boca regelante despoja as árvores. A cinza estação apenas filtra a lívida claridade do Sol. Véus incertos flutuam no horizonte, como névoas de fumaça. Um polvilho pálido desce lentamente, arrefecendo ainda mais a

¹⁵ Leite de égua acidificado e fermentado.

fraca luz do dia. Pouco a pouco, o polvilho se transforma em grãosinhos de maná, depois em flocos finos, que evoluem a compactos e densos. A terra embranquece. Dir-se-ia que o ar também embranquece. Ao longe, um infinito branco funde a terra ao céu. Neve por toda parte, neve até sumir de vista: imobilidade e mutismo fúnebre, e a czarina, enclausurada, sob as suas peles de marta e arminho, estremece como se envolvida pelo silencioso véu da morte.

Meses e meses se passam: chega a primavera. A gleba negra fumege e ressurda ao Sol de abril. Diz-se que as cascas das árvores rangem e os brotos rebentam; que a estepe ri e que os pássaros alucinam. A czarina deixa que deslizem os ricos casacos de pele e assoma à janela. Não muito distante, pelo caminho tortuoso, vê passando os peregrinos que se dirigem a Jerusalém, mujiques que semeiam trigo e linho, monges, cossacos, babás carregando os pequerruchos nos ombros. E ela canta os seus lamentos, esperando que alguém a ouça e fixe um olhar misericordioso na janela. Ninguém a escuta, ninguém se volta para ela, exceto um velho vagabundo que, ao crepúsculo, passa próximo às paredes do jardim.

— Que tens, menina? Por que te trancaram?
— pergunta o velho. — Cometeste, sem dúvida, um crime?

— Ai de mim! — responde a enclausurada. — Nada fiz de errado. Cristo o sabe. Estou aqui porque o czar me odeia. Salva-me, cristão ortodoxo.

— Se nosso pai, o czar, te odeia, é com razão e justiça.

— Sem razão, por mero capricho, ele me odeia.

— Fala com maior sensatez, menina. Não podemos compreender o czar ou Cristo — o czar do céu — e ambos estão sempre certos. Sofre e silêncio...

E o velho se afasta lentamente, como se ainda pelejasse entre um impulso compassivo e a convicção de que somente lhe cabia — pobre mendigo errante — prostrar-se ao ouvir o nome do czar. A enclausurada grita-lhe, chama-o por nomes carinhosos. Uma corda que o velho lança à sua janela é a liberdade, a salvação. A tarde caía, a Lua nascia, luminosa e redonda, o vagabundo já se confundia com o cinza da estepe sombria, lá na lonjura. Então a czarina, assomando à terceira janela, da qual ela sempre havia fugido — a que se volta para o cemitério —, estendeu os braços, em transporte de amor, para os túmulos relvados e às profundezas sepulcrais que se adivinham sob o solo mil vezes revolvido, recheado de mortos. Lá está a liberdade...

AR

— Temos aqui outra louca. Esta, porém, é interessante — disse-me o diretor do manicômio, depois da aflitiva visita à ala feminina. — Outra louca que forma o mais perfeito contraste com as infelizes que acabamos de ver, e que se agarram ao capote dos visitantes com riso cínico... E tenha o senhor em conta que essa louca está apaixonada. Mas apaixonada até o delírio. Fala apenas de seu noivo. Ele, por sinal, desde que a pobrezinha foi internada, não veio vê-la uma vez sequer. Acaso suprimido o amor — creio — esta jovem estaria completamente lúcida. Verdade que a mesma coisa acontece com muitos mortais. A paixão é, talvez, uma espécie transitória de alienação mental, desde que nos civilizamos.

— Não — redargui. — É na Antiguidade onde, precisamente, se encontram os casos característicos da paixão: Fedra, Mirra, Hero e Leandro¹⁶.

— Ah! Mas já então a espécie estava civilizada. Eu me refiro a épocas mais primitivas.

— Sabe Deus — objetei — o que ocorria nessas épocas, das quais não nos restaram testemunhos ou documentos. Induvidoso é que o grande sofrimento por questões sentimentais é um dos tristes

¹⁶ Personagens da mitologia grega cujas paixões conduziram-nas a um destino trágico.

privilégios da humanidade, sinal de nobreza e castigo a um só tempo. Podemos ver essa jovem?

— Vamos vê-la. Mas, antes, participarei a você alguns antecedentes. Esta é uma jovem bem-educada, filha de um funcionário, que ficou órfã de pai e mãe e teve que trabalhar para se sustentar. Chama-se, se bem me recordo, Cecília, Cecília Bohorques. Tentou dar aulas de piano, mas não era propriamente uma professora, e por esse caminho nada conseguiu. Pretendeu ser dama de companhia, mas em todos os lugares disseram-lhe que preferiam moças francesas ou inglesas, com as quais se aprende... sabe Deus o quê! Então, a jovem dedicou-se à costura, e assim conseguiu um meio de viver: dizem que tem habilidade e graça com roupas femininas. As clientes a disputavam e queriam sempre tê-la à mão e todos se desfaziam em elogios à sua conduta. Então apareceu-lhe um namorado, o filho do médico Ganda, um rapaz bonitão, algo perdido. Romance veemente, uma novela em ação. Ao que consta, o rapaz queria levar a novela ao último capítulo, mas ela se defendia. Uma defesa que tem muito mérito porque, repito, e os fatos demonstraram, ela se encontrava absolutamente subjugada pelo império da mais fervorosa ilusão amorosa. Um dos sinais que caracterizam o poder desta ilusão é o efeito extraordinário, absolutamente fora de toda relação com sua causa, que produz uma palavra ou uma frase dita pelo ser querido. Dir-se-ia que é como palavra do Evangelho, que se grava

indelevelmente nas profundezas da mente, e da qual deriva, às vezes, todo o conteúdo de uma existência humana. Estranho domínio psíquico é este que a paixão exerce!

“O namorado de Cecilia, ao final das cenas em que ele solicitava o que ela negava, dominando toda a torrente de sua vontade rendida, exclamava, em tom depreciativo:

“ — Tu não és nada. És mais fria que o ar!

“Com a sua entonação e tudo mais, a frase acusadora cravou-se como uma bala certa dentro do espírito da moça, e ali ficou, engendrando uma profunda convicção. Ela era, com certeza, apenas ar. Repetia isto o tempo inteiro. E este foi o primeiro sinal de seu transtorno. E assim como quem nada fez de estranho ou inconveniente. Com o mesmo aspecto de pudor e de reserva com o qual você a verá, continuou apresentando-se nas casas das senhoras para quem trabalhava, e destas senhoras partiu a ideia de trazê-la aqui, a fim de que eu me esforce em curá-la. Interessam-se muitíssimo por ela.”

— E o senhor espera curá-la?

— Não — respondeu o médico em tom decisivo e melancólico. — A experiência me demonstrou que estas loucuras de água mansa, sem arrebatamentos, sorridentes, doces, tranquilas em aparência, são as que grudam e não se vão. Não temo as brutais loucuras do sangue, mas as poéticas, as refinadas, as delicadas, as finas alienações. E lhes pus,

lá em minha nomenclatura interna, este nome: loucuras do ar.

— Como a de Ofélia¹⁷! — respondi.

— Como a de Ofélia, exatamente. Aquele grande médico alienista que se chamou — ou não se chamou — William Shakespeare, conhecia maravilhosamente o diagnóstico e o prognóstico...

Depois destas palavras de mau agouro, o médico me conduziu à cela da louca do ar. Estava muito limpo o quartinho, e Cecilia, sentada em uma cadeirinha baixa, olhava pela grade, com ânsia infinita, o espaço azul do céu e o espaço verde do jardim. Apenas voltou a cabeça, ao saudar-nos. Era a demente uma moça magrinha e pálida. Sua face infantil, miúda, seria bonita se fosse animada pela alegria e pela saúde. Mas é certo que há pouquíssimas loucas bonitas, e Cecilia não o era senão pela expressão realmente divina de seus grandes olhos negros cercados de livor azul, e enrubescidos pelo pranto, quando respondeu às nossas perguntas:

— Ele virá. Ele virá para me ver a qualquer momento! Ele me ama intensamente e eu, convenhamos, não sei dizer que o amo. O pior é que, quando ele vier, já não me encontrará. Porque eu, aqui onde os senhores me veem, não sou ninguém, não sou ninguém. Sou mais fria que o ar! Eis o que sou: ar. Não tenho corpo, senhores. E como não tenho corpo, não pude obedecer a ele com o corpo!

¹⁷ Personagem da peça *Hamlet*, do dramaturgo inglês William Shakespeare (1564 – 1616).

Pode-se obedecer a alguém com o que não se tem? Não é certo que não? Eu sou tão somente ar. Não acreditam em mim? Se não fosse essa grade, veriam como é verdade que eu sou ar. E no dia que quisessem, apesar da grade, estarão convencidos de que sou ar. E nada mais que ar. Ele me disse, e ele sempre diz a verdade. Sabem os senhores quando ele me disse isto a primeira vez? Foi numa tarde que passeávamos à margem do rio, nas Delícias. Como estava perfumado o campo! Ele queria abraçar-me, mas, como sou ar, não pôde! E, claro, ele se convenceu! Sou ar, somente ar!

Uma gargalhada súbita, infantil, comentou estas declarações. Saímos da cela com a promessa de dizer ao namorado, caso o encontrássemos, que sua amiga o esperava com impaciência. E, em suma, uma semana depois, li nos jornais a notícia. Tinha esta manchete: *Acontecimento Novelesco*. Novelesco! Vital, queriam dizer, porque a vida é a grande e eterna novelista.

Talvez aproveitando um descuido dos encarregados de sua custódia, presa de uma vertigem, e aferrada à ideia de que era ar, Cecilia subiu ao terraço de um dos pavilhões, pôs-se em pé no beiral e, exalando um grito de prazer (cumpria, enfim, o seu destino), lançou-se ao espaço.

Caiu, de uma altura de vinte metros, sobre um monte de areia. Ficou imóvel, amodorrada pela comção cerebral. Respirava ainda e viveu

agonicamente por mais dois dias. Não recobrou a consciência.

Sua última sensação foi a de tragar o ar, de confundir-se com ele e de nele absorver o filtro da morte, que cura o amor.

MEU SUICÍDIO

Morta. Estendida, inerte no horrível ataúde de mogno envernizado, que eu ainda parecia ver com suas molduras douradas de desagradável brilho, o que me restava no mundo agora? Nela cifrei a minha luz, meu regozijo, minha ilusão, todo o meu deleite... e desaparecer assim, de súbito, arrebatada na flor da sua juventude e da sua sedutora beleza, era tanto como dizer-me com melodiosa voz, a voz mágica, a voz que vibrava em meu imo, produzindo acordes divinos. Pois, se amas, segue-me.

Segui-la! Sim. Era a única resolução digna de meu afeto à altura de minha dor, e o remédio para o eterno abandono a que a criatura adorada, fugindo para regiões distantes, me condenou.

Segui-la, encontrá-la, surpreendê-la na outra margem do rio fúnebre... e estreitá-la delirante, exclamando:

— Aqui estou. Achavas que eu viveria sem ti? Vê como eu soube te procurar e te encontrar, e evitar que, de hoje em diante, as potestades da terra ou do céu nos separem.

*

Determinado a cumprir o meu propósito, quis realizá-lo naquele mesmo aposento onde

deslizaram imperceptivelmente tantas horas de ventura, medidas pelo ritmo suave de nossos corações... Ao entrar, esqueci a desgraça, e me pareceu que ela, viva e sorridente, chegava como sempre ao meu encontro, levantando a cortina para ver-me bem, deixando irradiar em suas pupilas as boas-vindas e, em seu rosto, o brilho ígneo de felicidade.

Ali estava o amplo sofá onde nos sentávamos deveras juntinhos, como se muito estreito ele fosse; ali, a lareira em cuja chama ela estendia os seus pezinhos, e com a qual eu, invejoso, disputava, abrigo-os com as minhas mãos, onde cabiam folgadoamente; ali, a poltrona onde ela se isolava nos breves momentos de irritação pueril que dobrava o preço das reconciliações; ali, a górgona de vidro iridescente de Salviati¹⁸, com as últimas flores já secas e pálidas, que a sua mão arranjava artisticamente para festejar a minha presença... E ali, finalmente, como uma maravilhosa ressurreição do passado, imortalizando a sua forma adorável, ela, ela mesma... isto é, seu retrato, seu grande retrato de corpo inteiro, uma obra-prima de um célebre artista, que a representava sentada, vestindo um dos meus trajes favoritos, o simples e gracioso guardapó de seda branca que a envolvia numa nuvem de espuma.

E era a sua atitude familiar, e eram os seus olhos verdes luminosos que me fascinavam, e era a

¹⁸ Salviati: empresa italiana, fundada por Antonio Salviati (1816 – 1890), fabricante de vidros ornamentais.

sua boca entreaberta, como se a exclamar, entre o agrado e a repressão, o “quão tarde vens!” de carinhosa impaciência; e eram seus braços redondos, que se agarravam ao meu pescoço como a onda ao tronco do naufrago, e era, em suma, a cópia mais fiel das feições e cores mediante as quais uma alma me havia cativado; imagem encantadora que significava para mim o melhor que da existência... Ali, diante de tudo que me falava dela e me fazia recordar de nossa união; ali, ao pé do amado retrato, ajoelhado no sofá, eu devia apertar o gatilho da pistola inglesa de cano duplo (que carrega no seu peito o remédio para todos os males e a passagem para aceder ao porto onde ela me esperava). Assim, a sua efígie não se apagaria sequer um segundo dos meus olhos: eu os fecharia olhando para ela, e os abriria novamente, vendo-a não na pintura, mas no espírito...

A tarde caía. E como eu queria contemplar o retrato a meu gosto, ao apoiar o cano da pistola na tábua, acendi a lamparina e todas as velas do candelabro. Um de três braços estava na escrivaninha de jacarandá com incrustações e, quando levei o fósforo ao pavio, ocorreu-me que ali dentro estavam minhas cartas, meu retrato, as recordações de nossa longa e íntima história. Um vivo desejo de reler aquelas páginas levou-me a abrir o móvel.

Note-se que eu não tinha cartas dela: as que recebia, devolvia depois de lidas por precaução, por respeito, por cavalheirismo. Pensei que ela talvez

não tivesse tido a coragem de destruí-las, e que das gavetas da escrivaninha a sua voz insinuante e adorada se ergueria novamente, repetindo as doces frases que não haviam tido tempo de gravar-se em minha memória. Não hesitei (hesita aquele que vai morrer?) em destrancar violentamente o primoroso movelzinho. A coberta saltou em frangalhos e eu alcancei febrilmente as gavetas, vasculhando-as ansiosamente.

Somente em uma havia cartas. As restantes estavam cheias de fitas, joias, bijuterias, leques e lenços perfumados. Tomei devagarinho o pacote, embrulhado em um pedaço de rica seda brochada, e o apalpei como quem apalpa a cabeça de um ente querido antes de beijá-lo. Achegando-me à luz, dispus-me a ler. Era a letra dela: eram as suas queridas cartas. E o meu coração agradeceu à morta o delicado requinte de tê-las guardo ali, como testemunho da sua paixão, como codicilo em que me legava a sua ternura.

Desatei, desdobrei, comecei a soletrar... Logo pensei que lembrava as frases ardentes, os protestos apaixonados e até as alusões a detalhes íntimos, daqueles que no mundo somente duas pessoas podem conhecer. Todavia, na segunda folha, um desconforto indefinível, um vago terror traspassou a minha imaginação como uma bala atravessa o ar antes de ferir. Eu rejeitei e maldisse tal ideia; mas ela voltou, voltou... e voltou apoiada nos parágrafos da terceira folha, onde já formigavam os traços e

detalhes impossíveis de referir-se à minha pessoa, à história do meu amor.

Na quarta folha, nenhuma sombra de dúvida poderia permanecer: a carta fora escrita a outro homem e recordava outros dias, outras horas, outros acontecimentos por mim desconhecidos...

Examinei o resto do pacote; li as cartas uma por uma, pois ainda a esperança teimosa me convidava a agarrar-me a um prego em brasa... Talvez as outras cartas fossem as minhas, e só aquela havia destoado do grupo, como um momento isolado de uma história antiga e relegada ao esquecimento... Mas quando examinei os papéis, quando decifrei, esfregando os olhos, um parágrafo aqui e outro ali, tive que me convencer: nenhuma das epístolas que o pacote continha fora-me endereçada... As que recebi e restituí religiosamente provavelmente se encontravam incorporadas às cinzas da lareira; e as que, como um tesouro, ela havia conservado no oculto nicho da escrivaninha, no quarto testemunha de nossa aventura, apontavam, tão exatamente quanto a bússola aponta para o Norte, a verdadeira direção do coração que eu julgava orientado ao meu... Mais dor, mais infâmia! Dos terríveis parágrafos, das páginas sulcadas por pequenas linhas de uma letra que eu teria reconhecido entre todas as do mundo, inferi "talvez"... "ao mesmo tempo"... ou "pouco antes"... E uma voz irônica gritava-me ao ouvido:

— Agora, sim... agora deves suicidar-te, infeliz!

Lágrimas de raiva escaldaram as minhas pupilas. Coloquei-me, como havia decidido, em frente ao retrato. Peguei a pistola, levantei o cano e, mirando friamente, sem pressa, sem tremor no pulso, com os dois tiros estourei os dois olhos verdes e luminosos que me fascinavam.

OS COLABORADORES

José Paz Rodrigues, falecido em 2021, era Professor de Ensino Geral Básico em excedência, licenciado em Pedagogia e graduado pela Universidade Complutense de Madrid. Conseguiu o Doutorado na UNED com a Tese Tagore, pioneiro da nova educação. Foi professor na Faculdade de Educação de Ourense (Universidade de Vigo); professor-tutor de Pedagogia e Didática no Centro Associado da UNED de Ponte Vedra desde o curso 1973-74 até à atualidade; subdiretor e mais tarde diretor da Escola Normal de Ourense. Levou adiante um amplíssimo leque de atividades educativas e de renovação pedagógica. Tem publicado inúmeros artigos sobre temas educativos e Tagore nas revistas **O Ensino**, **Nós**, **Cadernos do Povo**, **Vida Escolar**, **Comunidad Educativa**, **Padres y Maestros**, **BILE**, **Agália**, **Temas de O ensino**, **The Visva Bharati Quarterly**, **Jignasa** (em bengali). Artigos sobre tema cultural, nomeadamente sobre a Índia, **no Portal Galego da Língua**, **A Nossa Terra**, **La Región**, **El Correo Gallego**, **A Peneira**, **Semanário Minho**, **Faro de Vigo**, **Teima**, **Tempos Novos**, **Bisbarra**, **Ourense**. Unidades didáticas sobre Os magustos, Os Direitos Humanos, A Paz, O Entroido, As árvores, Os Maios, A Mulher, O Meio Ambiente; Rodrigues Lapa, Celso Emílio Ferreiro, Carvalho Calero, São Bernardo e o Cister em Ourense, em condição de coordenador do Seminário Permanente de Desenho Curricular dos MRPs, ASPGP e APJEGP.

Paulo Soriano, natural de Itabuna, Estado da Bahia, Brasil, reside em Salvador/BA. Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (1987), foi

procurador do Estado da Bahia entre 1989 e 2000 e, deste então, integra os quadros da Advocacia-Geral da União. Atuou no magistério superior como professor de Direito Civil na Faculdade de Salvador (2004 – 2014). Na área jurídica, publicou, entre outras obras, *Ensaio sobre a natureza jurídica da prescrição* (2004) e *Da remissão das dívidas* (2005). É contista, tradutor, editor e fomentador cultural. No campo da Literatura, publicou os seguintes volumes de contos: *Histórias nefastas* (2008) e *Contos galegos* (2010). Organizou diversas coletâneas, algumas delas publicadas na Galiza, como *Mestres do terror* (**Edizer Editora**, 2010) e *A voz dos mundos* (**Através Editora**, 2015), esta última em parceria com o filólogo e acadêmico Valentim Fagim. Recebeu diversos prêmios literários, sendo o mais recente, de abrangência internacional, o outorgado pela Academia de Letras, Artes e Ciências de Ponte Nova, Minas Gerais, em 2018, para agraciar o 1º lugar na categoria crônica. Como tradutor, entre outras obras, publicou *Narrativas fantásticas do Malleus Maleficarum* (2019) e, em coautoria com Lua Bueno Cyríaco, *Horror Oriental* (2018). É editor dos sítios Contos de Terror e Litteratus e das editoras virtuais Free Books e Trumviratus. Como fomentador, organizou concursos literários de abrangência internacional, que contaram com a participação de autores do Brasil, Portugal, Angola, Moçambique e Galiza. No Brasil, divulgou narrativas de autoras e autores galegos, reunidos na coletânea *Contos Fantásticos Galegos*. Colabora com o Portal Galego da Língua, no qual mantém a coluna *Grotesco & Arabesco: Universo Fantástico*. É membro correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa.

CRÉDITOS

Obra: “A Ressuscitada e outros Contos Sombrios”.

Títulos originais: *La Resucitada, Vampiro, El Trueque, Exi-
mente, El Espectro, Idilio, El Corazón Perdido, El Fantasma,
El Conjuero, La Emparedada, Aire, Mi Suicidio.*

2ª. Edição

Autora: Emília Pardo Bazán (1851 – 1921).

Tradução, organização, apresentação e notas:

Paulo Soriano.

Biografia da Autora: José Paz Rodrigues.

Leiaute da capa: Canva.

Imagem da Capa e miolo:

Gustav Wertheimer (1847 - 1902).

Direitos: *Copyright* da tradução, apresentação e notas: ©

Paulo Soriano. *Copyright* da biografia de Emília Pardo

Bazán: © José Paz Rodrigues.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Salvador/BA

Ano da publicação: 2023.

Free Books

<http://www.freebookseditora.com/>

Na composição deste livro empregaram-se as seguintes fontes:
Palatino Lynotype, Badoni MT e Script M7.
